



Yang Di

A CULTURA CHINESA NA OBRA *A CHINA FICA AO LADO*



Yang Di

A CULTURA CHINESA NA OBRA *A CHINA FICA AO LADO*

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda, realizada sob a orientação científica do Doutor António Manuel Ferreira, Professor Associado com Agregação do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho à minha pátria.

o júri

presidente

Professor Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais
professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Professora Doutora Rosa Lídia Torres do Couto Coimbra e Silva
professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (arguente)

Professor Doutor António Manuel dos Santos Ferreira
professor Associado com Agregação da Universidade de Aveiro (orientador)

agradecimentos

Ao meu orientador, António Manuel Ferreira, que me indica um caminho quando fico desorientada

Aos meus amigos que me acompanham nesta terra estrangeira

Aos colegas com quem estudo e vivo em conjunto

Ao meu irmão mais novo, que está na China e sempre conversa comigo sobre as minhas preocupações

Aos meus pais

Aos meus avós, que me deram uma infância feliz

palavras-chave

cultura chinesa, Macau, pensamentos tradicionais, mulher nova

resumo

O presente trabalho propõe-se estudar a cultura chinesa nos contos de Maria Ondina Braga, *A China Fica ao Lado*. A autora apresenta-nos as vidas e pensamentos naquela época em Macau, onde convivem as culturas ocidentais e chinesas, onde se encontram os pensamentos tradicionais velhos e as mentes das mulheres novas. Com as colisões das culturas e dos pensamentos, a cultura chinesa foi mudando. E as mulheres tristes percorreram um caminho livre e aberto para as gerações descendentes. As análises destes contos ajudam a conhecer melhor as vidas das pessoas e a sociedade de Macau.

keywords

chinese culture, Macao, traditional thoughts, new woman.

abstract

The present work proposes to study the Chinese culture of the short stories of Maria Ondina Braga, *A China Fica ao Lado*. Through the eyes of the author, she presents us with the lives and thoughts of Macau at that time, where Western and Chinese cultures coexist, where old traditional thoughts and the minds of young women meet. With the collisions of cultures and thoughts, Chinese culture was failing. And the sad women paved a free and open path for the descendant generations, with blood and tears. The analysis of these stories helps to know better the lives of the people and the society of Macao.

关键词

中国文化；澳门；传统思想；新女性

摘要

该论文研究了玛利亚·翁迪娜·布拉加短篇小说集《神州在望》一书中的中国文化。作者以葡萄牙人的视角，绘声绘色地描述了在澳门这片土地上的中国文化，更确切地说，是外国人眼中的中国文化。由于澳门的独特历史背景，中西文化相融共生，而且在西方文明的冲击下，中国传统老思想开始发生改变。研究这些故事背后的文化元素，一方面是为了探索澳门当代文化的发展，另一方面则是为了更好地了解澳门人民当时的生活现状以及思想的变革。

Índice

1	Introdução	3
2	Ambiente dos contos	7
2.1	Experiência da autora.....	7
2.2	História de Macau	7
2.2.1	A chegada dos portugueses.....	8
2.2.2	A imigração dos chineses do continente.....	9
2.2.3	Caraterísticas da cultura de Macau	9
2.3	História do continente chinês	10
3	Símbolos da cultura chinesa	13
3.1	Chá	13
3.2	Comida	14
3.3	Animais	15
3.3.1	Dragão	15
3.3.2	Fénix	17
3.3.3	Tartaruga.....	17
3.3.4	Licornes	18
3.4	Festas e dias tradicionais.....	18
3.5	Vermelho e Amarelo.....	19
3.6	Budismo	21
3.7	Cabaia.....	21
3.8	Língua chinesa	22
3.9	Lua significa Mês.....	23
3.10	Tratamento.....	24
3.11	Filosofia chinesa	24
3.11.1	Tai-Ki.....	25
3.11.2	Yin-Yang.....	26

3.11.3	Cinco elementos primordiais da Natureza: metal, madeira, água, fogo e terra.	27
3.11.4	Fong-Song	27
3.12	Medicina chinesa	29
4	Pensamentos tradicionais chineses	33
4.1	Sistema de classes	33
4.1.1	Dominação masculina.....	34
4.1.2	Desigualdade de nascimento	38
4.2	Ódio aos japoneses.....	40
4.3	Superstição	41
4.4	O homem nasce bom e a sociedade o corrompe	43
4.5	Culto da família chinesa.....	45
4.5.1	Reunião familiar	45
4.5.2	Folhas caíam na raiz	47
4.5.3	Enterramento	48
4.5.4	Mais filhos, mais felicidade.....	50
4.5.5	Pais chineses: servem os filhos durante toda a vida	52
4.5.6	Piedade filial.....	53
5	Vida social	57
5.1	As mulheres.....	57
5.2	Macau – Terra de Exílio.....	59
6	Conclusão	61
	Bibliografia.....	63

1 Introdução

A obra *A China Fica ao Lado*, de Maria Ondina Braga, organiza-se através de contos relacionados com as vidas e as histórias dos habitantes de Macau. Com o específico contexto histórico e cultural, onde se encontram várias nações e diversas culturas, contam-se histórias tipicamente chinesas.

Em termos do encontro de culturas, Macau é realmente um local maravilhoso. Embora seja invadida pela cultura ocidental, a cultura tradicional chinesa ainda existe, e, pelo encontro de pensamentos diferentes, surgiram pensamentos novos.

Para contar as histórias de Macau, é inevitável mencionar a cultura local, que existe na vida quotidiana das pessoas nesta terra. Neste livro, surge muito a cultura local, como, por exemplo, as comidas, os costumes, as festas, os pensamentos, etc.

Como Macau faz parte da China, a cultura local de Macau também faz parte da cultura chinesa. É claro que a cultura de Macau não pode incluir e representar a cultura de toda a China. Nesse sentido, ao estudar a cultura chinesa nesta obra, *A China Fica ao Lado*, só podemos referir a cultura em Macau.

Entretanto, por um lado, devido à guerra na China Continental, muitos imigrantes entraram em Macau vindos de várias partes da China, incluindo os das províncias perto de Macau como Cantão, mas também os do norte da China. Assim, as culturas de cada local da China encontram-se neste lugar. Por outro lado, pela colonização portuguesa, integram-se também culturas ocidentais.

A cultura não é fixa, varia em diferentes épocas. Com os encontros com outras culturas, a cultura desenvolve-se continuamente. Por isso, nesta obra, só se refere a cultura no período em que Maria Ondina Braga viveu em Macau.

Convém explicar alguns conceitos. Primeiro, a cultura de Macau caracteriza-se pelo convívio de várias culturas. E a cultura chinesa é só um termo em comparação com a cultura ocidental. Muitas vezes surge a cultura tradicional chinesa que ainda existe depois do encontro com outras culturas estrangeiras, surgindo igualmente alguns pensamentos novos

dos chineses de Macau depois do encontro cultural.

Quer dizer, nesta dissertação, estuda-se a cultura tradicional chinesa e pensamentos novos naquela mesma época em Macau, no âmbito dos contos *A China Fica ao Lado*, de Maria Ondina Braga.

Para desenvolver este tema, seria melhor estudar os casos nos contos, seguindo a ordem de superfície a profundidade, de facilidade a dificuldade. Primeiro, começar por analisar o ambiente histórico e cultural em relação com os contos, com o objetivo de definir uma época e estado cultural específicos. Segundo, explicar alguns símbolos chineses, que fazem parte essencial da cultura chinesa. Através destes sinais no dia-a-dia, é possível observar as condições e estados de vida das pessoas. Terceiro, aprofundar alguns pensamentos tradicionais chineses, que duram há milhares de anos na cabeça dos chineses de geração em geração. Quarto, fazer uma análise concisa das mulheres dos contos, incluindo as novas e as velhas, apresentando as mulheres santas, tradicionais, e também as novas com pensamentos novos, ao contrário das velhas.

Com um estudo da cultura chinesa nestes contos, seria provável observar como era a cultura chinesa na obra de Maria Ondina Braga. Para uma autora fora da China, quando ela chegou a Macau, descobriu mais curiosidades para os ocidentais do que uma pessoa local. Quer dizer, para uma estrangeira, ela conseguiu sentir fortemente as diferenças entre as culturas, ao contrário dos nativos, que acham tudo natural. Por outro lado, com uma vida em Macau há quase quatro anos, Maria Ondina Braga olhava e ouvia realmente as vidas do povo macaense. Por isso, os conteúdos dos contos são, normalmente, credíveis no que diz respeito à cultura local.

Nesta época histórica, por causa dos encontros de culturas, a cultura tradicional chinesa mudou bastante. Especialmente com a desilusão das mulheres. Embora seja um destino triste, foram elas que começaram uma nova era de liberdade e independência das mulheres de hoje em dia. Naquele tempo mais escuro, antes da madrugada, elas são precursoras corajosas, elas trazem a luz do futuro.

Através desta dissertação, queria aprofundar os conhecimentos sobre a cultura

chinesa e estudar os diversos pensamentos daquele período. O mais interessante é observar o encontro de culturas e sentir a mudança da cultura chinesa.

2 Ambiente dos contos

2.1 Experiência da autora

Maria Ondina Braga, a autora desta obra, é uma escritora bem conhecida em Portugal. Nascida em 1932, em Braga, viajou por vários países e regiões do mundo, com o objetivo de estudar e trabalhar, incluindo França, Angola, Goa, Macau e Pequim. De 1961 a 1965, Maria Ondina Braga viveu e lecionou inglês e português em Macau, no Colégio Santa Rosa de Lima, e foi em 1965 que regressou a Lisboa.

Os contos de *A China Fica ao Lado* foram publicados em Lisboa, pela Panorama, em 1968. E a segunda edição foi lançada em Lisboa, pela Bertrand, em 1974, com três novos contos. A terceira edição da obra foi lançada em Lisboa, pela Editores Associados, em 1976. A quarta edição da obra foi lançada pelo Instituto Cultural de Macau em 1991. Com estes contos, a autora já tinha ganhado o Prémio do Concurso de Manuscritos do SNI em 1966.

É óbvio que os contos foram criados depois da vida em Macau entre 1961 e 1965. Por isso, geralmente, o conteúdo da obra tem uma grande relação com o que a autora experimentou nesses quatro anos. Isto significa que o ambiente temporal dos contos é aquele período que, na linha do tempo da história chinesa, corresponde ao tempo depois da implantação da China Nova (A República Popular da China estabeleceu-se em 1 de outubro de 1949) e antes da transferência da soberania de Macau em 1999.

Antes de mais, a fim de compreender melhor os contos, é necessário conhecer um pouco as histórias daquele período específico de Macau, bem como do continente chinês.

2.2 História de Macau

Na obra *A China Fica ao Lado*, da escritora Maria Ondina Braga, surge uma série de contos sobre algumas histórias e conhecimentos da autora no período da sua existência em Macau, de 1961 a 1965. Por isso, é muito importante conhecer a história e a cultura de

Macau naquele período. Como todos sabem, considera-se Macau como uma cidade onde se encontram culturas e pensamentos, não só dos estrangeiros, mas também das pessoas do continente, especialmente do norte da China. Nesse sentido, vou começar com a história de Macau.

2.2.1 A chegada dos portugueses

Pelas lendas e mitologias orientais, os países ocidentais procuravam riquezas por todo o mundo. Apesar de ninguém saber onde ficava a China, existia a consciência de que havia um país no oriente do mundo onde se produzia seda e ouro. Com uma longa experiência no mar, finalmente, os portugueses chegaram à terra chinesa. Antes da chegada dos portugueses, viviam, em Macau, alguns pescadores e camponeses.

Com a expansão marítima de Portugal, foi Jorge Álvares o primeiro português que entrou em Macau: “Jorge Álvares trabalhou, em 1513, a bordo dum junco que fazia percursos entre Malaca e Pegu, como escrivão encarregado de registar todas as operações comerciais da fazenda real... Nesse mesmo ano de 1513, Jorge Álvares entrou no mar da China e aportou em Tamau, a 18 km de Cantão, tendo lá levantado um padrão. Foi o primeiro português a pôr os pés na China” (Silva, 2001, p. 39). Depois, em 1553, os portugueses estabeleceram-se no território de Macau. Porque fica muito longe de Pequim, o governo chinês não se importava com Macau. Gradualmente, os portugueses começaram a governar Macau como uma colónia, e Macau tornou-se de uma vila de pesca num centro comercial onde se ligavam os negócios entre países ocidentais e países orientais como o Japão e a China. No período da dominação portuguesa, a economia desenvolveu-se muito rapidamente. Foram atraídos assim mais portugueses e também outros estrangeiros da Europa para Macau. Além disso, uma parte dos comerciantes do sudeste do continente chinês também chegou aqui para sobreviver. Nasceram dessa forma os macaenses:

Evidentemente que, estando o porto tão frequentado, a vida na pequena cidade, que ainda não

se tinha expandido para fora das portas do Campo, era intensa, mesmo febril, e o dinheiro, fácil de ganhar, depressa se gastava, perdularizado em frivolidades. (Gomes, 2010, p. 298)

2.2.2 A imigração dos chineses do continente

Durante a Segunda Guerra Mundial, o governo da dinastia Qing ficou muito fraco, por causa de um tempo muito longo de fecho das alfândegas e bloqueio do país. Sofrendo os ataques de fortes países ocidentais e, depois, com a invasão dos japoneses, muitos chineses escolheram Macau como um porto de salvação. Desta maneira, a população de Macau cresceu quase duas vezes naquele tempo. Os imigrantes vinham de diversas regiões da China, principalmente dos vizinhos Hong Kong e Cantão, incluindo também os do norte da China, como Pequim e Tianjin.

2.2.3 Características da cultura de Macau

Em Macau reúnem-se muitas culturas e cria-se uma cultura própria. Em Macau, conviveram harmoniosamente os portugueses e os chineses, bem como povos de outros países.

Através das comunicações entre os portugueses e os chineses, cria-se uma língua que se chama “Patoá”: “Qualquer chinês diz de imediato que o dialeto macaense não é chinês, nem coisa que se pareça” (Silva, 2001, p. 79). Esta língua é uma combinação das duas línguas, que é também um testemunho da comunicação cultural. Gradualmente, esta língua não só se usa nas famílias portuguesas, mas também entre os chineses e os escravos africanos no dia-a-dia.

E pela influência do ambiente, os portugueses queriam aprender algumas coisas chinesas: “Aprenderam os macaenses, por experiência própria, a ser prudentes, pouco precipitados na resolução dos seus problemas e ter conformação com as circunstâncias adversas. Aprenderam também a calma e a paciência, orientais” (Silva, 2001, p. 96). Por

outro lado, a maneira de pensar e as ações dos portugueses também influenciam os chineses em Macau.

Embora sob administração portuguesa, Macau nunca se redeu completamente ao estilo português, ao receber a cultura ocidental. A cultura tradicional chinesa ainda existe, como uma pessoa tradicional chinesa, que gosta de conhecer coisas novas, mas nunca perde a sua raiz. Em termos de religião, existiam em Macau o Budismo e o Catolicismo, ao mesmo tempo naquele período. Os chineses mantêm também as tradições chinesas durante a administração de Portugal. Lá não há invasão de culturas, trata-se de um convívio perfeito.

2.3 História do continente chinês

A história da China é antiquíssima. A história começa sempre pela lenda, quando viveram os antepassados mais antigos. Embora esse tempo seja remoto e misterioso, é a raiz da cultura chinesa.

Na dinastia Zhou (1046 a.C. – 256 a.C.), a China estava unificada. Para governar melhor o país, o rei de Zhou dividiu o território em vários estados e distribuiu-os pelos seus familiares. Gradualmente, com o crescimento do número de estados, o poder do rei ficou cada vez mais fraco, e os governadores dos estados obtiveram mais poder.

Com o objetivo de conquistar maior território e mais riqueza, começam as batalhas entre os vassallos de cada estado. Neste tempo, o país foi segmentado pelos sete principais vassallos, surgindo o Período de Primaveras e Outonos (770 a.C. – 476 a.C.), e o Período de Batalhas (475 a.C. – 221 a.C.).

Neste mesmo tempo, apareceram os grandes pensadores que dominam a cultura chinesa há milhares anos, até agora. Confúcio, Taoísmo, Legalismo, Moísmo e outras escolas floresceram ao mesmo tempo. Todos procuram um caminho para a prosperidade social e a felicidade do povo.

Com as batalhas dos estados, o Estado de Qin venceu finalmente, e criou o primeiro império da China, começando assim a dinastia Qin (221 a.C. – 207 a.C.). O imperador de

Qin criou o regime centralizado. Este regime dominou durante quase 2 mil anos na China.

Com os resultados do desenvolvimento da técnica, os ocidentais abrem as portas da China. Em junho de 1840, começou a primeira Guerra do ópio entre a Inglaterra e a China. Desde então, a China foi invadida por vários países ocidentais, e também pelo Japão. Por causa da incapacidade de resistir às tropas bem armadas, rapidamente a China foi repartida pelos estrangeiros, incluindo a Grã-Bretanha, a França, a Alemanha, a Rússia, o Japão, etc. Com as celebrações de acordos desiguais, a China pagou indenizações em ouro, prata, territórios, a fim de parar a guerra.

Em 1911, a revolução de Xinhai¹ destruiu o governo da dinastia Qing, terminando a monarquia absoluta de 2 mil anos, e estabelecendo um regime democrático e republicano. Em 12 de fevereiro de 1912, nasceu a República da China, liderada pelo Partido Nacionalista da China (Kuomintang), que simboliza a democracia do país. Em julho de 1921, estabeleceu-se oficialmente o Partido Comunista da China, em Xangai.

Em 18 de setembro de 1931, os japoneses invadiram o nordeste da China, e em 7 de julho de 1937, começou a segunda guerra sino-japonesa. A 15 de agosto de 1945, a guerra acabou pela declaração da derrota pelo Japão.

Depois da guerra contra os estrangeiros, começou a Guerra Civil entre o Partido Comunista da China, representado por Mao Ze-dong e o Partido Nacionalista da China, de Jiang Jieshi. A guerra civil durou três anos, com o triunfo de Mao. Jiang liderou o seu partido, recuando para Taiwan.

Em 1 de dezembro de 1949, a Nova China, a República Popular da China, estabeleceu-se em Pequim. Neste momento, a China já reconquistara a maioria do território contra os estrangeiros, mas Macau e Hong Kong² ainda ficaram dominados por Portugal e a Inglaterra. Com a transferência de poderes, Portugal devolveu Macau à China, em 20 de dezembro de 1999.

Em conclusão, em termos do ambiente dos contos, depois das guerras, a vida das

¹ 辛亥革命

² Em 30 de julho de 1997, a Inglaterra transferiu a soberania de Hong Kong, e Hong Kong retornou para a China.

peças era dura. Apesar do estabelecimento da China Nova, a terra de Macau continuava a ser dominada pelo governo português. E Macau é uma terra afastada da China Continental. Quando o Continente estava em guerra, as pessoas escolheram Macau como um local tranquilo. Quando as guerras no Continente acabaram, a China expulsou muitos invasores estrangeiros do Continente, mas Macau ficava ainda com Portugal, e por isso muitos velhos nem sabiam que “já não há império, nem castas, nem senhores...” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 41).

3 Símbolos da cultura chinesa

Nos contos de *A China Fica ao Lado*, há muitos símbolos da cultura chinesa. Uns são materiais, e os outros são imateriais. Estes símbolos são representantes da cultura chinesa, e existem na vida dos chineses. Porque a cultura é um conceito abstrato, seria melhor explicar esta conceção dos sinais, e depois descobrir os significados atrás dos sinais. Os símbolos da cultura não são só um objeto, mas também uma forma de pensar e viver. Quanto a alguns objetivos específicos, as emoções dos chineses são diferentes em comparação com os ocidentais, eis a cultura.

Nesta parte, apresentam-se os vários símbolos da cultura chinesa, dos materiais aos imateriais.

3.1 Chá

O símbolo chá existe em muitos contos desta obra.

No primeiro conto, “A China Fica ao Lado”, encontra-se: “*A mulher do médico apareceu, cumprimentou, pediu que esperasse. Trazia na mão um rolo de algodão-em-rama, que deixou esquecido na bandeja do chá*” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 9).

Neste caso, a mulher do médico ofereceu um chá durante a espera. O chá representa uma identidade mais alta da família, que geralmente é uma família bem-educada. Quando um convidado vem visitar uma casa de chineses, nós costumamos oferecer um copo de chá quente para apresentar as boas-vindas, e nos restaurantes também.

Como na descrição da autora, “...O chá, de jasmim, era amargo e aromático” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 17). Com amargo e ao mesmo tempo aromático, revela-se um conhecimento da vida real dos chineses: a vida nunca é fácil, mas também nos traz alegria.

O chá simboliza um costume da vida dos chineses, porque antigamente, além de bebidas alcoólicas como a aguardente, não havia sumo ou outras bebidas no quotidiano

chinês. Para não se embriagarem, os chineses escolhiam o chá como uma bebida do dia-a-dia. Na cultura chinesa, o chá é uma parte importante das pessoas, e simboliza uma vida tranquila, com paz interior, sem ambições, sem ruídos do mundo exterior. O chá também simboliza um gosto mais elegante, não só em termos de qualidade de vida, mas também em relação ao estatuto social de uma pessoa.

3.2 Comida

“Nos carrinhos de comidas, carne de porco estrelajando em óleo a ferver, sementes de lóvão, rebentos de soja e de bambo, pevides de melancia, chao-fan, chao-min...” (Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 47).

“Tinha bebido vinho de arroz, queimado paus de incenso” (Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 46).

Em Portugal, produz-se vinho com uvas. Mas na China, a maioria dos vinhos são de trigo e arroz. Por causa da diferença de geografia, as culturas culinárias são distintas entre Portugal e a China. Além da forma de confeção, na China há muitas comidas vendidas na rua, o que raramente acontece em Portugal. Quando vemos as comidas no texto, os cheiros deliciosos já chegam no nariz do leitor, mobilizando dessa forma o gosto através da visão. As comidas na rua representam um fenómeno harmonioso e uma vida feliz do povo local. As comidas na memória das personagens representam as saudades da terra natal, depois da migração por causa da guerra.

Por um lado, como cada região tem os seus próprios pratos muito típicos, as diferentes comidas representam as diversas culturas. Por exemplo, Chao-fan¹ e Chao-min² vendidos nas ruas de Macau são pratos típicos do Sul. Por causa da localização mais perto do Sul, Macau sofre mais as influências da cultura do Sul, e as comidas também.

No primeiro conto, “Dez anos atrás, a avó, cambaleante, levava-a pela mão. O

¹ Em chinês, “炒饭”, um prato de arroz grelhado com óleo e outros legumes e carnes.

² Em chinês, “炒面”, um prato de massa grelhado com óleo e outros legumes e carnes, sem sopa.

Governo estrangeiro dava dormida e arroz. Mas tinham saudades da comida do Norte” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 12). Naquele tempo, o arroz não podia matar as saudades da comida do Norte, porque arroz é comida típica do Sul, e as pessoas no Norte costumam comer massa. A diferença das culturas culinárias adiciona mais incômodos aos imigrantes, ao tentarem integrar-se no local.

Por outro lado, as diversas comidas correspondem a situações diferentes. Por exemplo, quando nas ruas vendiam chao-fan e chao-min. Quando nas salas, nos refeitórios e nos intervalos, ofereciam chá, vinho de arroz, e bolos de sésamo. Chao-fan e chao-min são petiscos típicos. Chá, vinho de arroz e bolos são comidas mais delicadas, oferecidas aos clientes, são comidas para a classe alta.

3.3 Animais

Na cultura chinesa, conforme os mitos e lendas antigos e tradicionais, os animais têm significados diferentes. Na obra *Clássico dos Ritos*¹, diz-se que “Licornes, fênix, tartaruga e dragão, chamam-se quatro espíritos”². Estes quatro animais são todos mascotes na cultura chinesa. Inevitavelmente, a autora também os refere no seu livro.

3.3.1 Dragão

Diferentemente da imagem do dragão ocidental, o dragão chinês, “Long”, é uma imagem positiva e boa. E também como se escreve em *Shuowen Jiezi*³, o primeiro dicionário da China antiga, “Long é uma serpente longa, com capacidade de ficar escuro e claro, fino e grosso, curto e longo, que sobe para o céu na primavera e enchafurda-se no

¹ 《礼记》 em chinês

² “麟凤龟龙，谓之四灵。” versão original em chinês.

³ 《说文解字》 em chinês.

abismo no outono”¹. E num outro livro, *Erya Yi*, há uma explicação do dragão, “corno como cervo, cabeça como camelo, olhos como coelho, pescoço como cobra, barriga como amêijoas, escama como peixe, garra como águia, palma como tigre, e orelha como boi”². Seguintemente, são as palavras da autora sobre o dragão:

O dragão Long, o deus-bicho de cinco garras, emblema do poder imperial, símbolo do Oriente e da Primavera, com a faculdade de crescer até abarcar os céus, de sustentar a abóbada celeste, de distribuir a chuva e regular o curso dos rios, dominava, ao centro, todo de pau-rosa incrustado de madrepérola. (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 34)

Tal como a autora descreveu no texto, na China o dragão é um animal imaginário, trata-se de um ídolo, sendo também um símbolo do poder supremo do imperador. Antigamente, os imperadores eram chamados “dragão real e filho do céu”, e até agora os chineses identificam-se com a posteridade do dragão. Na mitologia chinesa, o dragão é um ídolo poderoso, e as pessoas rezam ao Rei dragão, quer em frente da estátua, quer ao lado da água, pela paz e felicidade na vida, e especialmente pela chuva.

“Os olhos de topázio do dragão Long faiscavam no escuro como olhos de gato” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 13). Nesta passagem, que pertence ao conto “A China Fica Ao Lado”, o dragão Long no escuro é uma metáfora, que quer dizer que a China estava no escuro naquela época. Considerando o ambiente histórico, quando a China não estava muito forte por causa da guerra muito longa, os vários países poderosos ocidentais vinham para a China e assim começaram as lutas contra os estrangeiros. A personagem principal vivia em Macau, longe da sua terra natal, o continente da China. Talvez por causa da guerra, ela tinha de fugir para um local relativamente pacífico. A China sofria na guerra, exatamente como um dragão no escuro, faiscando os olhos, com o objetivo de esperar pela esperança.

¹ 龙，鳞虫之长，能幽能明，能细能巨，能短能长，春分而登天，秋分而潜渊。 Versão original em chinês.

² 《尔雅翼》中，有“释龙”：“角似鹿、头似驼、眼似兔、项似蛇、腹似蜃、鳞似鱼、爪似鹰、掌似虎、耳似牛” versão original em chinês

3.3.2 Fénix

“À entrada e ao pé de um estranho instrumento musical que o antiquário afirmava vir do tempo em que o povo venerava a música como harmonia emanada de Deus (instrumento por isso só usado pelas virgens de templo), uma tartaruga tralhada em ágata simbolizava a Força. Ao lado, um baixo-relevo de fénix – insígnia das Imperatrizes – e os licornes que reuniam em si os elementos primordiais da Natureza: metal, madeira, água, fogo e terra. Ao fundo, a enorme esteira com a pintura da árvore sagrada – o ficus –, retorcidos, multiplicados os troncos, as raízes adventícias onduladas ao vento”.

Dragão é o símbolo do imperador, e fénix, por sua vez, é um sinal da Imperatriz na cultura chinesa. De acordo com as lendas antigas, fénix é rei de todos os pássaros, e tem sido considerado um animal feliz. No livro antigo, *Clássico das Montanhas e dos Mares, ou Shan Hai Jing*¹, conta-se que “Há um pássaro, de figura de galinha, de cinco cores, que se chama fénix”². Como um monstro divino, a fénix tem um papel importante na cultura chinesa, e representa a felicidade, é um elemento auspicioso.

3.3.3 Tartaruga

Como todos sabem, a tartaruga é um animal que possui uma vida longa. Conforme lendas remotas, a tartaruga sempre funcionou como um meio entre o céu e o ser humano, e na era antiga, os feiticeiros usam a concha da tartaruga para adivinhar. No pensamento chinês, a tartaruga representa o norte e o inverno, e também é símbolo da vida. Além disso, na língua chinesa, a pronúncia da palavra “tartaruga” é “gui”, e a palavra “riqueza” também é “gui”, por isso as pessoas oferecem tartarugas de ouro como símbolo de bons

¹ 《山海经》 versão original em chinês, um livro onde se contam vários monstros e ídolos da antiguidade.

² “有鸟焉，其状如鸡，五采而文，名曰凤皇”， versão original em chinês. E em chinês, cinco cores significa várias cores.

desejos.

3.3.4 Licornes

Igual ao dragão e à fénix, o licorne, que em chinês se chama Qilin, é também um animal imaginário. Em *Shuowen Jiezi*, o Qilin é um “monstro humanitário, com corpo de cervo, cauda de dragão e um corno”¹. Qilin simboliza humanidade, felicidade e paz. Porque a humanidade que Qilin representa é correspondente à humanidade (Ren) do confucionismo, este animal relaciona-se intimamente com Confúcio e a escola dele. Conta a lenda que, quando a mãe de Confúcio encontrou o Qilin, ela deu à luz Confúcio. E na noite em que Confúcio nasceu, Qilin apareceu com um livro de jade na boca. Desde então, as pessoas começaram a pedir filhos a Qilin, e Qilin tem a função de dar filhos.

Os animais felizes representam os bons desejos para a vida: riqueza, poder, saúde, filhos, etc. Contra condições más da natureza, as pessoas só podem rezar para ter o que querem. E de acordo com as características dos animais fortes, com propriedades mais favoráveis para sobreviver, criam-se os animais idosos que funcionam como totem das tribos primitivas. Passo a passo, estes elementos tornam-se símbolos chineses, que abençoam o povo chinês para sempre.

3.4 Festas e dias tradicionais

Na obra, são mencionadas várias festas tradicionais chinesas, por exemplo, “Tsing-Ming”, “Festa dos barcos”, “Festividade da primeira Lua cheia de Setembro”, “Véspera do Ano Lunar” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 34), etc. Todos os festivais são contados de acordo com o calendário lunar tradicional chinês, e cada festa é marcada por tradições diferentes, eventos vários e comidas particulares.

¹ “麒麟，仁宠也，麋身龙尾一角。” Versão original em chinês.

Além das festas, na China, temos 24 dias especiais durante o ano, que se chamam vinte e quatro termos solares. Como um nome do conto *Dia do Grande Frio*, que é o último termo solar de um ano, no inverno, no dia mais frio durante um ano:

O Dia do Grande Frio. Dia da rendição dos deuses? Do seu enlouquecimento? As pessoas não reflectiam nessa designação, ocupadas como andavam com o advento da festividade, e atribuíam-na à descida da temperatura. Ele, porém, que sabia do tempo parado, nulo, meditava na ironia das palavras: Grande Frio – Morte. Ano Novo – Vida. Como podia a morte gerar vida... (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 101)

De acordo com o calendário solar, os sábios chineses dividiram o ano em 24 termos solares, com o objetivo principal de orientar os trabalhos dos camponeses, ajudando a conhecer melhor a variação do clima e das estações. Como o Dia do Grande Frio, que simboliza o final do inverno e o dia mais frio do ano.

Por outro lado, de acordo com o calendário chinês, o Dia do Grande Frio é o último termo solar, é o fim de um ano. O próximo termo solar é Comércio da Primavera, que é o mesmo dia do Ano Novo Chinês, chamado também Festival da Primavera. Entre estas duas festas, dista meio mês, por isso, desde o Dia do Grande Frio, as pessoas começam a preparar produtos para o Ano Novo. Depois de passar por este dia mais frio, chega a esperança da primavera.

3.5 Vermelho e Amarelo

Se se pensar numa cor para representar a China, tem de ser o vermelho. Se duas, então, vermelho e amarelo. Os chineses adoram o vermelho e o amarelo. Especialmente o vermelho, nos festivais, nos casamentos, no nascimento dos bebés, nos aniversários... etc. Amarelo também é uma cor indispensável em todas as datas especiais felizes na China. Quando celebramos o Ano Novo Chinês, vestimos roupas vermelhas, dependuramos lanternas

vermelhas, oferecemos envelopes vermelhos, e colocamos papéis vermelhos nas paredes.

“Uma a uma, as irmãs haviam partido, de brocado escarlate e oiro, diadema nupcial, para casa dos maridos” (Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 23).

“... o lojista escrevia em caracteres doirados sobre fundos escarlates os cumprimentos da praxe: Kung Hei – Ano Feliz”.

O gosto pelas cores vermelho e amarelo tem origem na veneração ao sol. Os chineses identificam-se como filhos do Imperador Yan¹ e Imperador Amarelo². “Imperador Amarelo e Imperador Yan são antecessores comuns de todos os chineses, e os chineses dentro e fora da China chamam o seu próprio como ‘Filho de Yan e Amarelo’” (国务院侨务办公室; 中国海外交流协会, 2008, p. 4). Em chinês, Imperador Yan significa Imperador de Chama, e Yan também é sinal de fogo, de vermelho. Em termos de Imperador Amarelo, a cor amarela é mesmo o símbolo de fogo e sol.

Numa outra lenda sobre o monstro do Ano Novo Chinês, Nian³, as pessoas usam o fogo para vencer o monstro Nian. Para continuar esta tradição, as pessoas usam a cor vermelha para substituir o fogo com o objetivo de expulsar as maldades. Desta maneira, os chineses costumam usar vermelho em muitas ocasiões, como um símbolo de felicidade.

Na cultura chinesa, o amarelo é um sinal do imperador. Porque todos os imperadores antigos chamam-se “Huangdi”, e a pronúncia do carácter “Imperador” é igual à pronúncia de “Amarelo”. Por isso, geralmente, o amarelo é uma cor especialmente para a família real, por exemplo, só os familiares do imperador podem usar roupas amarelas. Além disso, amarelo é cor de ouro, que também simboliza riqueza. Contudo, ambos, amarelo e vermelho, são cores felizes na cultura chinesa.

¹ 炎帝, Yandi

² 黄帝, Huangdi

³ 年, Nian

3.6 Budismo

Como todos sabem, o Budismo tem origem na Índia, não na China. Coloco “Budismo” aqui como um símbolo chinês por duas razões. Por um lado, o Budismo floresce na China, e por outro, nesta obra de Maria Ondina Braga, o Budismo representa uma crença dos chineses, em comparação com o Catolicismo, o qual indica a fé dos portugueses. Este encontro das duas religiões mostra-se no conto *O Homem do Sam-lun-ché*:

Ele, cristão batizado, menino de coro, comungante, e o pai a frequentar o pagode, a bater com a testa no chão diante do Buda, a consultar o bronze. Não ficava bem. Como um filho católico crescer feliz junto do pai adorador dos ídolos? (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 61)

Com fé diferente e costumes diversos, o Budismo existe como um contraponto do Catolicismo. Os budistas geralmente são pessoas tradicionais e conservadoras, mas, ao mesmo tempo, simpáticas e simples.

Depois da importação, o Budismo tem tido grande influência na China, na cultura, na literatura, nos ritos e hábitos. Por exemplo, o Budismo originou alguns festivais tradicionais chineses. O hábito do vegetarianismo na China é também de origem budista. Além disso, muitos deuses em que os chineses acreditam são da religião budista, e contribuem bastante para a mitologia chinesa. Passo a passo, o Budismo já faz parte da cultura chinesa.

3.7 Cabaia

A cabaia é uma roupa típica chinesa, que é um produto criado no início do século XIX, pelo encontro da cultura chinesa e da cultura ocidental. A cabaia é um sinal da China, mas não é uma roupa tradicional com uma história antiga. A cabaia é uma reformação da roupa antiga chinesa, que representa a moda naquela época. Ao mesmo tempo, a cabaia

simboliza uma mudança do pensamento das mulheres.

“Ela gostava de viver, de se aformosear com cabaias garridas, flores no cabelo, laca nas unhas” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 53).

No texto, a figura feminina vestiu uma cabaia garrida, com o objetivo de se aformosear. A cabaia era a moda contemporânea, e podemos julgar que a figura não devia vir de uma família da classe baixa e pobre; era uma mulher que gostava de ficar bonita.

Além disso, a cabaia é um sinal da época, depois da última dinastia da China, Qing, e antes da instauração da República Popular da China.

3.8 Língua chinesa

Porque as histórias decorrem em terra chinesa, é inevitável que as figuras falem a língua chinesa. “*E a língua chinesa varia em mandarim e dialectos. Mandarim tem a pronúncia de Pequim, com base nos dialectos do norte.*” (国务院侨务办公室; 中国海外交流协会, 2008, 页 129) “*A China é um país de território vasto e uma população enorme. Apesar de todos usarem a língua chinesa, falam de forma diferente nas diferentes regiões, o que se chama dialectos, nos quais, cantonês é um idioma que se usa principalmente em Cantão, Hong Kong e Macau, e também é um idioma que usa muito entre os emigrantes chineses.*” (国务院侨务办公室; 中国海外交流协会, 2008, p. 130)

Nos contos, encontram-se o mandarim e o cantonês. Por um lado, a autora utiliza o mandarim para referir as pessoas do norte da China. Por outro lado, a autora usa o cantonês para descrever as pessoas de Macau.

“Louvava os céus por ter aprendido mandarim. Parecia que o doutor Yu só falava mandarim” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 9). Quando refere os nomes dos chineses, usa diretamente a pronúncia do chinês. E, nesse conto, a autora sublinhou que “Yu só falava mandarim”, o que pode ser um símbolo do norte da China, ou seja, a “China” fora de Macau que fica do outro lado do continente, onde era a terra natal do doutor Yu e da figura feminina com a sua avó.

“... a lança de longe a saudação da época: Kung Hei Fat Choi (Feliz Ano Novo)...”
(Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 106)

E também “Kung Hei Fat Choi”¹, a autora aproveita a pronúncia das sílabas chinesas na obra, em vez de traduzir as palavras para português. Afinal, as duas línguas são completamente diferentes. Para manter a maneira como os chineses falam e ao mesmo tempo expressar o significado do conteúdo, é inteligente usar ambas as línguas.

Em termos de transferência da língua chinesa, a escritora utilizou duas formas. Uma é aproveitar diretamente a pronúncia do chinês, como acima. E uma outra forma é encontrar uma palavra portuguesa com significado mais ou menos semelhante à expressão original chinesa.

“... dragão Long ...” (Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 12).

Porque o dragão na cultura oriental é diferente do ocidental, por isso, para não se misturarem, a autora usou uma palavra “Long”² cuja pronúncia é igual à do carácter chinês, dragão.

3.9 Lua significa Mês

“Apesar de entrado em anos, o senhor rico conservava o hábito de nova mulher em cada nova Lua” (Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 23).

Como escreve no conto, a autora usa a palavra “Lua”³ para indicar um mês lunar de acordo com o calendário chinês. Primeiro, queria explicar que, na língua chinesa, “Lua” e “mês” são um mesmo carácter, e, por isso, a palavra “Lua” pode ser tratada de “mês” na obra. Segundo, de acordo com a maneira antiga chinesa de contar datas, uma rotação da Lua conta-se como um mês. Cada ano inclui 12 meses, e há mais um mês em cada quatro anos. Nesse sentido, em chinês, “Lua” e “mês” são um carácter. Em português, a palavra

¹ Em chinês escreve-se 恭喜发财, pronuncia-se, Gong Xi Fa Cai. “Kung Hei Fat Choi” no texto é pronúncia de cantonês.

² Em chinês escreve-se 龙, pronúncia, lóng

³ Em chinês escreve-se 月, pronúncia, yuè

“Lua” também tem o significado de um mês, mas na obra, a autora usa “Lua” para definir um calendário lunar chinês.

3.10 Tratamento

“Costumámos sair, as duas, ao domingo, para comer chao-min malaio, às vezes canja, em restaurantezinhos baratos cujos donos ela conhecia e que mandava os filhos pequenos reverenciar diante de nós e tratar-nos por tias – tratamento de deferência entre os Chineses.” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 73)

Como escreveu a autora, conforme a cultura tradicional chinesa, os filhos pequenos dos donos dos restaurantes chineses tratam os clientes por “tios”, que é uma maneira de tratamento dos chineses. Em Portugal, tio ou tia só se usam para os irmãos do pai com laços de sangue. E as pessoas na rua tratam-se por senhor ou senhora, enquanto na China, chamamos as pessoas por tio, tia, avó, avô apesar de não as conhecermos.

Primeiro, na consciência chinesa, todos nós temos um antecedente comum, então, toda a China é uma grande família. Por isso, chamamos as pessoas da nossa idade por irmãos, e os mais velhos, por tios ou avós, de acordo com as idades respetivas. Segundo, a forma de chamar as pessoas desconhecidas como família favorece o desenvolvimento das relações interpessoais, com o objetivo de diminuir as distâncias entre as pessoas.

Como no texto, o dono do restaurante deixou os filhos chamar os clientes por “tia”, para manter uma intimidade com os clientes. Imagina que no caso de os clientes tratarem os filhos dele como família, eles vão voltar lá mais vezes para consumir.

3.11 Filosofia chinesa

Antigamente, os chineses criaram as suas maneiras específicas de explicar o universo, gerindo um sistema de teorias da filosofia chinesa, como regras da mudança da natureza e equilíbrio entre feminino e masculino. Na obra de Maria Ondina Braga, refere-se

principalmente a teoria de Yin-Yang, Tai-Ki, Fong-Song, cinco elementos e outros sobre adivinhamento.

3.11.1 Tai-Ki

“Noite de loucura entre os princípios da criação. Talvez um ensaio do fim do mundo. O Criador dormia. Chamassem-lhe Tai-Ki ou Padre Eterno. Não entendia. Sumidos os próprios astros. Só, desamparado diante do caos, o homem era o único observador consciente de um espetáculo de deuses.” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 40)

“...Explicava o milagre da criação do mundo: o Grande Tai-Ki, nascido do nada, dera origem ao princípio positivo, elemento macho, Yang, que no seu ócio inventara o elemento negativo, fêmea, Yin. Daí o equilíbrio do cosmo – Yang-Yin – com o céu Yang fecundando a terra Yin, entre o pranto da chuva e o sorriso do sol, na apoteose do arco-íris a que todo o chinês devia voltar pudicamente a cara.” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, pp. 34-35)

Os exemplos acima têm todos conteúdos referentes ao Tai-Ki na obra *A China Fica Ao Lado*. A autora considera que “Tai-Ki” é um Criador, como Deus no mundo ocidental, que criou todo o mundo. Na verdade, não é assim. Neste ponto, acho que a escritora explica erradamente o conceito de “Tai-Ki”.

O primeiro livro em que se fala de “Tai-Ki” é um grande livro, *Zhuangzi*, do filósofo taoísta Zhuangzi. “Grande Caminho, que fica superior a Tai-Ki mas não é muito alto, inferior de Liu-ki mas não é muito baixo...”¹. No entanto, a explicação do Tai-Ki existe na obra, *Yizhuan*, “A variação produz Tai-Ki, onde nascem duas forças. As duas forças dão origem a quatro imagens, e depois tem oito trigramas”².

O que é Tai-Ki? Também é uma questão na China. Desde muito cedo, os sábios já começaram a explicar este nome. A maioria achava que Tai-Ki era ar. Como no livro

¹ 《庄子》“大道，在太极之上而不为高；在六极之下而不为深”

² 《易传》：“易有太极，是生两仪。两仪生四象，四象生八卦。”

Zhouyi Zhu, de Zheng Xuan, onde explica Tai-Ki como “ar indiviso puro e suave”¹. Ele também disse que “Mudança tem origem em Tai-Ki, quando os fenómenos ainda não se separam, que é o início do céu e da terra”².

Por isso, Tai-Ki deve ser um estado do universo quando todo o universo é uma mistura, como um ovo em que gema e clara estão misturados.

O erro da autora podia ser devido a uma tradução incorreta. Em conformidade com o conto, a autora recebia as informações da cultura chinesa de um antiquário. “Falava inglês e um pouco de português juntamente, trocando o r pelo l. Explicava o milagre da criação do mundo: o Grande Tai-Ki.....” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 34). O antiquário não era um tradutor profissional, e não sabia aprofundadamente as línguas estrangeiras, é inevitável ocorrerem enganos. Quase todos os chineses sabem a frase “太极生两仪”, que diretamente traduz-se como “Tai-Ki produz duas forças”, ou “Tai-Ki dá luz a duas forças”. Mas a frase que diz o que é Tai-Ki não é popular. A maioria das pessoas só sabem uma secção do texto original, e de acordo com a construção gramatical da frase, é fácil compreender que Tai-Ki é uma pessoa ou um criador. É um engano também entre muitos chineses.

3.11.2 Yin-Yang

Como já dito anteriormente, Tai-Ki gera duas forças, que são Yin e Yang. Yin significa feminino, e Yang é masculino. Yin-Yang são duas forças contrárias, como Lua e Sol, Terra e Céu, mulher e homem, noite e dia, frio e calor, etc. Todas as coisas no mundo podem ser explicadas com a teoria de Yin-Yang. Então, todos os objetos no universo têm dois aspetos, um de Yin e um outro de Yang, que são adversários, mas também unidos, e entre estes dois, existe uma mudança. Eis as regras de desenvolvimento e variação no universo.

“O significado original de Yang é o lado iluminado pelo sol e Yin é o lado sem sol. Por

¹郑玄《周易注》解释“太极”说：“极中之道，淳和未分之气也。”

²郑玄注：“易始于太极，气象未分之时，天地之始也。”

isso, sul da montanha é Yang, e norte da montanha é Yin. Desse modo, o aspecto à frente é Yang, e o inverso e atrás é Yin. Os pensadores antigos viam que tudo no mundo tinha dois lados, um à frente e um inverso, portanto usaram Yin-Yang para somar os dois lados contrários das coisas, criando-se assim o conceito de Yin-Yang” (Yan, 2006, p. 6).

A teoria de Yin-Yang é um equilíbrio entre todas as coisas, que é usado em várias áreas, tais como medicina chinesa, filosofia, matemática, física, etc.

3.11.3 Cinco elementos primordiais da Natureza: metal, madeira, água, fogo e terra.

Antigamente, os chineses dividiam todas as coisas no mundo em cinco elementos: metal, madeira, água, fogo e terra. Entre os cinco, existem relações de estimulação e inibição. Por exemplo, a madeira alimenta o fogo, porque a madeira ajuda a incendiar; a água inibe o fogo, porque a água pode ser usada para apagar o fogo. Estes cinco elementos podem simbolizar muitas coisas, tais como os órgãos do corpo, as cores, as direções e outras coisas da natureza.

3.11.4 Fong-Song

No pensamento chinês, Fong-Song é muitas vezes conhecido como um tipo de superstição, mas, na realidade, é uma ciência. No conto *Fong-Song*, a palavra “Fong-Song” foi referida por duas vezes.

“Entretanto, o tufão virava Fong-Song – Vento-Água –, o monstro feroz que morava nas entranhas da Terra e governava os elementos” (Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 40).

“O corpo da centenária nunca o rio o devolveu, nem o seu nome tão-pouco constou das vítimas do tufão. Mas o neto, que a vira transfigurar-se, acreditava secretamente que

Fong-Song – o ente fantástico que, das entranhas da Terra, governava os elementos – a levava, calma e contente, na exaltação da noite, para o reino dos justos, talvez (quem sabe?) bem recomendada ao Eterno pelas cerimônias do bonzo e pelas rezas da freia” (Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 42).

De acordo com as explicações da autora, Fong-Song deve ser um monstro feroz ou ente fantástico, vivendo no fundo da Terra, que é responsável por tirar a vida dos vivos à noite. Esta explicação é completamente errada.

Fong-Song é uma tradução de pronúncia de Vento-Água em chinês, que é um termo da cabala. Guo Pu escreveu no seu livro *Zangshu* (Livro de enterramento): “O ar da vida dispersa-se por vento, e por água. Os antecessores reúnem o ar para não se dispersar e operam-no para parar, pois chama-se Vento-Água. A teoria de Vento-Água é arranjar água primeiro, e esconder o vento”¹. Nesse sentido, Fong-Song é uma ciência de escolha e melhoramento do ambiente da habitação, incluindo residência, quarto, túmulo, vila, cidade, etc. A fim de levar uma vida melhor, as pessoas aproveitam o ambiente geográfico ao seu redor, como também a geografia dos túmulos dos antepassados, com o objetivo de reunir o ar da vida em casa, para trazer sorte, felicidade e prosperidade.

E, na cultura chinesa, nunca surgiu um monstro que se chama Fong-Song. No entanto, é verdade que na mitologia chinesa, em termos dos assuntos do inferno, há um rei, Yan Wang², uma figura divina vinda da mitologia indiana, que governa todas as vidas na terra. “O conceito de inferno é importado da Índia pelo budismo, e o Enma Dai Oh da Índia tornou-se em Yan Wang na China” (Zhang, 2006.4, p. 215). Por outro lado, há um par de embaixadores, Heibai Wuchang, que executam as ordens do rei, tirando a alma dos vivos, incluindo homens e animais, e depois, levando-os para o inferno.

Talvez devido à escolha do túmulo dos mortos, que sempre se relaciona com Fong-Song, leve a autora ao engano. Como é habitual, depois da morte duma pessoa, os familiares ou amigos preferem convidar um mestre de Fong-Song, um adivinhador, a fim de

¹ 郭璞，在其名著《葬书》中有云：“葬者，乘生气也，气乘风则散，界水则止，古人聚之使不散，行之使有止，故谓之风水，风水之法，得水为上，藏风次之。”

² 印度的阎摩神，成为中国的阎王。（Zhang, 2006.4）

escolher a data, hora, local para enterrar o morto. Acreditam que o túmulo do morto tem influência nos familiares vivos.

Estas filosofias chinesas são estranhas e misteriosas para os ocidentais, e para um chinês também. As razões entre o céu e a terra, relacionadas com os destinos do ser humano, são interessantes. Toda a gente quer prever o futuro, mas só poucos têm a capacidade de entender realmente as regras. Uns não acreditam nisso; outros veem os adivinhos como bruxos, como intermediários míticos entre os deuses e os homens.

3.12 Medicina chinesa

A medicina tradicional chinesa estabelece-se principalmente numa estrutura teórica sistemática e abrangente, de natureza filosófica. Tendo como base o reconhecimento das leis fundamentais que governam o funcionamento do organismo humano, e sua interação com o ambiente segundo os ciclos da natureza, procura aplicar esta abordagem tanto ao tratamento das doenças quanto à manutenção da saúde através de diversos métodos. Dentro disso, também se trata de uma teoria de Yin-Yang e os cinco elementos primordiais da Natureza: metal, madeira, água, fogo e terra, com o objetivo de procurar um equilíbrio no interior do corpo e também entre o humano e a natureza exterior.

Como a autora descreve no livro:

“A religião do herbanário é a Natureza: as plantas, os animais, os elementos. Estender o corpo nu ao sol uma hora por dia dá mais força do que um bom repasto de ade salgado. A água das fontes que brota entre pedras, bebida de noite, quanto mais fria, pode conceder a juventude eterna, talvez – quem sabe? – a imortalidade. Da banha de tigre alguém extraiu um bálsamo para todas as dores – medicamento célebre no mundo inteiro; o seu descobridor tornou-se o homem mais rico do Sul da China. E a flor branca do trigo e os seus poderes analgésicos?

Boticário, curandeiro, tirante a médico, o herbanário recebe doentes e receita. As pessoas procuram-no quando sofrem de insónias (ele aconselha engolir dentes de alho cru),

de friagem nos ossos, de sezões. No seu dizer, todas as plantas guardam propriedades benéficas ou malélicas, só que a maior parte dessas propriedades se desconhecem ou não se aproveitam. A papoila, por exemplo, é a flor do mal. Mas já o alecrim o bem que não faz a certos estados debilitados ou de convalescença! Antigamente nenhuma mulher de parto prescindia de uma inalação de alecrim e vinho quente. Áquila, pucho, abuta, formam juntas uma das mais importantes mezinhas da farmacopeia chinesa. E a água de cozer arroz – o arroz, a planta por excelência da terra da China – não cura males de estômago e de intestinos, não é boa para lavar o rosto suado depois das febres, a água de arroz?

“...sopa cheirosa de cobra, aguardente de arroz velha e loira – jade líquido...” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 107)

Estas formas de tratamento são muito estranhas, mas têm razões no interior, em conformidade com as regras de Yin-Yang e os cinco elementos da natureza. Mas, às vezes, o funcionamento de algumas receitas foi exagerado. Como todos sabem, apanhar sol faz bem à saúde realmente, e as águas das fontes são mais puras e doces, mas é impossível manter a juventude eterna. Muitas pessoas procuram a imortalidade pela influência da lenda e do mito, e acreditam totalmente nisso.

A medicina chinesa no conto parece incrível e informal, mas reflete a forma de conhecer a medicina dos chineses. Antigamente, não havia técnicas modernas e equipamentos avançados para observar o corpo e analisar os medicamentos. Os chineses relacionavam-se com a natureza. Como os pensamentos do Taoísmo, “a regra de Tao é Natureza”¹, que também se aplica na medicina. A pessoa nasceu entre o Céu e a Terra, e a melhor forma de viver é integrar-se na natureza. E é por isso que a medicina chinesa usa ervas, plantas, animais e até minerais para curar doenças.

A adoração da natureza e a suavidade são o núcleo dos pensamentos de Lao Zi. “De acordo com os pensamentos de equilíbrio de Yin-Yang e as formas de ficar saudável de Lao Zi, o taoísmo desenvolveu uma teoria de procurar a imortalidade.” (Gao, 2010, p. 153)

Por exemplo, a água mais fria da fonte à noite é um elemento muito natural e puro. E a

¹ 道法自然

meia-noite, a hora mais alta da noite, corresponde ao mais Yin (feminino). De acordo com Lao Zi, “A melhor coisa como a água, que favorece tudo mas não contende.”¹ Água, com a natureza de macieza, possui a virtude mais alta do taoísmo, que pode convencer tudo. Como todas as formas perfeitas em taoísmo, então, esta forma de buscar a imortalidade tem as suas razões, embora seja inútil. Esta opinião também representa uma veneração da natureza.

Antigamente, por causa da falta de ciência, havia algumas receitas médicas muito estranhas. A medicina relacionava-se com a superstição. Muitas vezes, um médico era também um adivinho, que podia empregar-se como professor. Quer dizer, antes, as pessoas estudavam para passar nos exames e para procurar um emprego do governo. Mas os que não tinham a oportunidade de conseguir um emprego oficial, nem capacidade de executar outras profissões, como técnicos, nem trabalhar no campo, só podiam voltar para casa. Podiam ser professores privados, ou aprender mais nas áreas de adivinhação ou medicina para ganhar a vida.

Por razões que não podem ser explicadas, as pessoas sempre recorrem ao poder dos adivinhos e na área da medicina também. Para uma doença estranha, se não há receita nos livros, nem há condições para examinar, os médicos e também outros podem utilizar os conhecimentos de outras áreas, como as regras de adivinhos e as razões dos livros dos sábios, como os Taoístas.

¹ 《老子》“上善若水，水利万物而不争。”

4 Pensamentos tradicionais chineses

Devido à evolução da história chinesa, formam-se típicos pensamentos chineses, que até influenciam de geração em geração durante milénios. Os pensamentos tradicionais chineses têm-se relacionado profundamente com Confúcio. Aliás, alguns outros pensamentos também permanecem na cabeça dos chineses. Pouco a pouco, os pensamentos característicos, contínuos durante anos, determinam os estilos especiais chineses.

4.1 Sistema de classes

Para favorecer o domínio do imperador, a sociedade é dividida em diferentes classes. No governo, distinguem-se os vários níveis dos oficiais. E em épocas diferentes, as profissões também têm classes superiores e inferiores. Numa família, seguem as ordens da idade, dos velhos aos novos, e há também tratamentos distintivos entre homens e mulheres.

O sistema de classes fica mais claro com a sugestão do sistema do rito na dinastia Zhou. Os pensamentos de Confúcio concedem esta teoria, e o conceito de sistema de classes impressiona o povo chinês cada vez mais profundamente. Inicialmente, esta teoria só tem como objetivo manter a ordem na sociedade, mas, como espada de dois gumes, este sistema traz também discriminação entre as classes sociais.

Numa época histórica que se chama “Primavera-Outono”, o povo é dividido em literatos, agricultores, trabalhadores e comerciantes. Mais tarde, um grande autor, Ban Zhao, compôs um livro, *Regras das Mulheres*¹, com o objetivo de regular os comportamentos e pensamentos das mulheres. É claro que as mulheres ficam sempre no lugar mais baixo, quer dentro da família, quer fora. Há muitas discriminações nesse mundo, especialmente para as mulheres.

E nesta obra, *A China Fica Ao Lado*, na questão da desigualdade, a maior parte é sobre

¹ 《女戒》，东汉班昭著。

a discriminação das mulheres.

4.1.1 Dominação masculina

Com a evolução da sociedade, os homens passam a dominar as mulheres, não só na China, mas em todo o mundo. Por causa da maior contribuição para a família, os homens obtêm maior poder e chegam a lugares mais altos.

A seguir, com a sugestão do sistema de ritos, as condições das mulheres ficam pior. As mulheres foram cada vez mais desvalorizadas.

4.1.1.1 Venda das meninas

“Começaram depois a enrolar explosivo para panchões no vão de um portal. Alguns avós vendiam as netas a chineses ricos, a marinheiros bêbados, a barracas de feira. A sua era diferente. Queria-lhe muito. Acompanhava-a para toda a parte.....” (Braga, A China Fica ao Lado, 1991).

A venda das meninas é um negócio comum na antiga China. Com a evolução da construção da sociedade, a matrilinearidade foi substituída pela patrilinearidade. Desde então, o lugar das mulheres na sociedade foi descendo, geralmente. E em termos dos bebés, as filhas não eram aceitáveis para as famílias. As pessoas pensavam que as meninas não tinham valor.

Por um lado, as mulheres não conseguiam criar tanta riqueza como os homens, porque elas não são tão fortes como eles, que podem suportar as atividades de produção e de cultivo. Antigamente, para as pessoas, o problema mais grave era a fome e o frio. Os homens têm prioridade no que toca a criar mais comida e ganhar mais dinheiro, a fim de alimentar toda a família. Toda a gente naquele período achava que mais filhos masculinos podiam trazer mais riqueza e mais prosperidade para a família. E as mulheres, por sua vez, não trabalhavam, mas

também consumiam os recursos da família.

Por outro lado, quando crescem, as mulheres têm de sair da casa dos pais e de entrar numa casa alheia. Dessa forma, os pais sentiam-se injustiçados, porque custava-lhes muito alimentar e educar uma menina, mas, por fim, eles têm de dar uma menina boa a outra família, ou seja, finalmente, a menina contribui mais para outra família, em vez da família em que nasceu.

Além disso, a razão mais essencial é que as mulheres não podem continuar a raiz da família. Como os filhos são nomeados com o apelido da família do pai, as mulheres criavam bebés para outra família. Na opinião dos chineses, a continuação de uma família é o mais importante. Nesse sentido, as mulheres são inúteis.

Porque as pessoas não valorizam as meninas, para não consumirem mais bens e recursos, muitas pessoas vendiam as filhas, e até diretamente matavam bebés femininos. No entanto, para os compradores, comprar meninas podia trazer benefícios visíveis.

Geralmente, as pessoas compravam meninas com três objetivos. Um era a adoção como filhas próprias. Este grupo normalmente era rico, tinha muitos filhos, mas queria mais filhas. Também havia pessoas que achavam que as meninas à venda eram muito pobres, e com enorme simpatia, compravam as meninas pobres para lhes dar uma vida melhor e para proteger os bebés. Segundo, era para adoção como futura esposa ou nora. Na China, o casamento fica muito caro. Além da despesa da cerimónia, a parte masculina deve oferecer muito dinheiro para “comprar” a mulher. Ou seja, os pais de uma mulher gastam muito a alimentar e educar a filha, mas, depois do casamento, a filha não se servirá da casa dos pais. Os pais da mulher costumam receber dinheiro do futuro marido da filha, como uma recompensa. E terceiro é para vender de novo. Como o tráfico de pessoas hoje em dia, os vendedores roubavam ou compravam as meninas para vender. Mas, raramente, as pessoas venderam os filhos.

Além da venda, uma outra forma de discriminação é o abandono. No conto, *O Homem do Sam-lun-ché*, ao redor de um convento, há sempre muitas meninas abandonadas pelos pais. “*Não era a primeira vez que na portaria do convento apareciam crianças*

abandonadas. Sempre, porém, meninas recém-nascidas. Por vezes as próprias mães iam lá oferecê-las. Os pais não as queriam.” (Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 59)

Para os pais que não gostavam das meninas, no caso de não as quererem matar, eles escolhiam colocar os bebês num convento. Por um lado, no convento, há muito movimento para que as crianças tenham maior oportunidade de ser vistas por outras pessoas que queiram uma filha, mas não a têm. Por outro lado, geralmente, considera-se que as freiras são simpáticas no convento, bem como as pessoas que acreditam na religião. Assim, as meninas podem ter um futuro melhor.

Para as crianças abandonadas, de acordo com o mesmo conto, *“Algumas dessas enjeitadas tornavam-se mais tarde irmãs conversas; outras ficavam empregadas da casa, bordadeiras. Havia um rumo a dar-lhes quando atingissem a idade adulta. Eram chamadas filhas-da-caridade.”* (Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 59)

Na verdade, em comparação com as crianças mortas, estas que são colocadas no convento têm resultados melhores. Pelo menos, elas ainda estão vivas, quer sendo adotadas, quer ficando no convento.

Outros bebês femininos podiam ser mortos diretamente ao nascer. No caso de serem abandonados num local desabitado, serão mortos indiretamente, por fome, frio, ou ser comidos pelos bichos. Muitas filhas abandonadas provêm de famílias pobres, que não têm comida e roupa para a recém-nascida. Os elementos mais importantes de uma família são sempre os homens, e quando há dificuldades, geralmente, quem mais sofre são as mulheres.

4.1.1.2 Pés atados

Na China antiga, havia a tradição de atar os pés das mulheres, até ao fim da dinastia Qing, a última dinastia da história da China. E, por isso, algumas velhas ainda têm os pés atados.

“Afiml, que sabia ele da velha? Sam-Ku, Filha Terceira; pés atados; descendentes de família nobre.... A velha, porém, de pés embaraçados, deformados, mortos, que

caminhos poderia ter escolhido... Tinham-lhe enfaixado os pés em criança, cortado as asas logo ao ver a luz...” (Braga, 1991, p. 41)

Como a autora descreve, antigamente, as mulheres chinesas tinham de enfaixar os pés desde criança. Geralmente, quando era uma menina, a mãe ou a avó ajudavam a cortar os pés da criança. E depois quebravam uma tigela de porcelana. Colocavam as peças da tigela nos pés fraturados, de modo a evitar o crescimento dos pés. Enfim, enfaixam os pés com panos longos. Pés pequenos são uma tradição feia, trata-se de uma discriminação para o sexo feminino, e de uma grande desigualdade entre os homens e as mulheres, simbolizando uma vida triste das mulheres na antiga sociedade chinesa.

“Com o desligar dos pés da anciã, instintivamente ela sentira não apenas o ruir do seu belo mundo de menina, mas o aviltamento de toda uma tradição.” (Braga, 1991, p. 11)

Os pés atados pelos panos representam a virgindade de uma mulher na era antiga. Como o exemplo acima, quando os pés da avó foram desligados, ela sentia não só o ruir de um mundo belo, mas também o aviltamento. Porque os pés de uma mulher eram também uma parte íntima que não podia ser exposta. Segundo o texto, os soldados entraram em casa, roubaram os bens e até desligaram os pés da avó. Esta ação de desligar os pés para todos verem as peles íntimas de uma mulher é uma forma de humilhação e enxovalho que é mais grave do que matar uma pessoa diretamente. Desligar os pés é igual a destruir a virgindade de uma mulher.

“Mas não simbolizavam, afinal, os pés atados da avó o longo e forçado destino da mulher? O mesmo destino que a tolhia, a angústia que nesse instante lhe subia à garganta?” (Braga, 1991, p. 11)

Os pés atados também são uma forma de controlar as mulheres. Com os pés atados, as mulheres não conseguem andar muito, para fugir dos homens, ou seja, para fugir de uma família onde os homens estão em primeiro lugar e as mulheres são baratas. Para manter a superioridade dos direitos dos homens, eles ligavam os pés das mulheres com o objetivo de limitar os movimentos femininos. Os panos são usados para embalar os pés, tais como as aldeias que bloqueiam a vida e a liberdade de uma mulher.

4.1.2 Desigualdade de nascimento

Quando nasce um bebê, além de existir desigualdade entre o sexo masculino e o sexo feminino, também há distinção originada no ambiente do nascimento. Parecia ser natural que os filhos das casas ricas fossem mais valorizados do que os que eram dados à luz na rua.

“Um sentimento de liberdade possuía-a inteira, uma dolorosa, opressiva liberdade, como se, num mundo de súbito mudado, tal não significasse mais do que prisão. Mãe como as outras não lhe era permitido ser. Porquê, afinal? Fosse ela neta de mulher da rua, filha de bailarina, e daria à luz simplesmente, como qualquer fêmea, no fundo de uma sampana, ou numa barraca de lata, ou até sob as estrelas, com flanelas encarnadas, amuletos, ofertas de ovos.” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 11)

No parágrafo acima, a personagem feminina estava a pensar que a criança deveria nascer, mas não. Ela tinha de fazer uma operação para tirar esta vida, porque ela não tinha uma origem clara e normal como os outros. Uma filha de bailarina até não tem direito de existir neste mundo, só porque os outros não permitem esta existência “suja”. Nesse sentido, para proteger o bebê da discriminação, a mãe escolheu matá-lo na barriga.

“A avó nunca compreendia. Mulher a ter filhos sozinha só a mãe da humanidade no confucionismo. A avó que dera à luz, na luxuosa maternidade do doutor Yu, com baixela de prata, filhos legítimos, desejados, bem-vindos, de primeira esposa de casa nobre. Esposa ou concubina era o que ela conhecia. Tinha de haver senhor, macho responsável, pai a apresentar, núpcias, leito conjugal.” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 11)

A avó da personagem feminina principal era duma família rica, além de ser a primeira mulher do seu marido, a esposa, ela também tem o primeiro filho da família. Como uma mulher, com estas coisas na mão, pode desfrutar de maior respeito e dominar a família, em comparação com as concubinas ou com as mulheres sem filhos. Um filho pode trazer honra e prosperidade para a mãe.

No conto *O Homem Do Sam-Lun-Ché*, raramente os pais abandonaram os filhos à

porta do convento, mas “*Rapaz, contudo, parecia muito mais complicado. Onde o poriam depois da creche? Decerto que a mãe estava mesmo desesperada para assim abandonar um filho varão. As ariadadas bisbilhotavam: «Mãe desnaturada! Filho macho, a maior felicidade de qualquer mulher! Bailarina, com certeza, rapariga de vida fácil, alma sem sentimentos, sem dignidade».*” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 59)

Este rapaz foi abandonado porque a identidade da mãe dele é de vida fácil. A mãe fez isso porque a vida de um órfão seria melhor do que a de um filho de bailarina. A sociedade não aceita isto. Um filho de bailarina tem de ser discutido pelas pessoas sobre a identidade, sobre o pai, etc.

Quer dizer, a identidade dos filhos tem grande relação com os pais. Caso a fama e o lugar dos pais não sejam bons, é difícil haver um futuro promissor para os filhos. Geralmente, o pai decide a identidade e o lugar dos filhos fora de casa, e a mulher determina o lugar do filho dentro da família. Se não tem pai, é a identidade da mulher que decide tudo.

A discriminação da identidade no nascimento é uma discriminação que tem origem nos pais. O grau de aceitação dos filhos reflete o nível de aceitação dos pais. Como nos contos, as pessoas não aceitam os filhos das bailarinas, porque a sociedade não aceita que uma mulher tenha relações com um homem antes do casamento, e também porque a sociedade não admite a profissão de bailarina como uma profissão respeitável. Tudo isto determina o destino dos filhos.

Naquela sociedade antiga, havia muitas desigualdades. Estas regras sociais são ferramentas que os homens da classe alta usam para controlar o mundo. Para as mulheres, os homens são superiores. Para os pobres, os ricos são mais importantes. Sem igualdade, sem liberdade, todos viviam numa sociedade com regras injustas, sem capacidade de resistir e sem consciência de resistir. Os livros dos sábios ensinam as pessoas a aceitarem a realidade das classes. Os pais ensinam os filhos a obedecer. As mulheres são as vítimas mais graves, além de cumprirem as regras da classificação das classes de ricos e pobres, elas têm de viver sob o poder dos homens.

4.2 Ódio aos japoneses

Na história chinesa, houve várias guerras e lutas que, passo a passo, foram definindo as fronteiras da China ao longo da história. Entre os vários invasores, o que impressiona mais é o Japão. Veja-se o seguinte parágrafo:

“Que seu pai odiava os japoneses, como todos os chineses de carácter, Tai-Ku sabia-o de certeza. Mulher para ele, todavia, não tinha nação. O grande senhor precisava de nova donzela em cada nova Lua, e o dinheiro permitia-lhe variar, conforme os desejos lho pediam: adolescentes de corpos tenros e olhos castos, desarmadas para a luxúria, ou mulheres feitas, palpitantes de curiosa avidez. Mulheres de todos os géneros e de todas as nacionalidades. Mas uma japonesa... Não. Ela, Tai-Ku, a Filha Primeira, não podia aceitar-lhe tanto.”
(Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 24)

Tai-Ku nunca poderia aceitar que uma japonesa entrasse em casa dela. Como quase todos os chineses naquela época, a personagem principal não gostava nada dos japoneses. Esta ação não existe especialmente para um indivíduo, mas para toda a gente. Como uma microfilmagem, a atitude de Tai-Ku representava exatamente as emoções do povo chinês em relação aos japoneses.

Pelo motivo da localização geográfica dos dois países, ocorreram inúmeras guerras desde tempo remoto. Destacam-se cinco grandes guerras sino-japonesas na história. As primeiras três guerras ocorreram respetivamente, em 663, de 1274 a 1281, de 1592 a 1598. No fim da dinastia Qing, de 1894 a 1895, o Japão veio mais uma vez para a China, e a China foi derrotada pelo Japão pela primeira vez. A seguir, em 1931, o Japão entrou pelo nordeste da China, chegando até mais de metade do território chinês. Durante a guerra, um dos eventos mais destacados é o Massacre de Nanquim¹, onde os japoneses mataram mais

¹ 南京大屠杀

“Nanjing tornou-se num símbolo, como o bombardeamento de Guernica pelos aviões alemães em Espanha, durante a Guerra Civil, mais ou menos na mesma altura, que foi celebrado no que será a mais famosa pintura de Picasso. Aos olhos da opinião pública ocidental, o massacre de Nanjing fez da China uma vítima ainda mais inocente e do Japão um Estado

de 300 mil¹ chineses, em 1937. Em agosto de 1945, a guerra acabou com o triunfo da China. Até agora, existe o ódio contra os japoneses no peito das pessoas que experimentaram a guerra.

Para Tai-Ku, a razão que provocou o seu ódio é que os japoneses mataram indiretamente a sua mãe, o que destruiu a sua família. Tai-Ku perdeu a mãe, e também perdeu uma família completa. Por isso, ela odeia os militares que entraram em sua casa.

Gradualmente, ela não conseguiu sair da sombra da morte da sua mãe, ela alargou o ódio a todos os japoneses, incluindo a concubina de seu pai, uma mulher de nacionalidade japonesa que nunca conheceu.

Imagina-se que, porque as tropas japonesas pisaram grande parte do território chinês, das cidades às vilas, do litoral ao centro da China, o caso de Tai-Ku aconteceu em milhares de famílias da China. As histórias sobre japoneses foram bem conhecidas, e, passo a passo, o ódio pessoal tornou-se no ódio coletivo, e o ódio familiar tornou-se no ódio nacional.

O ódio aos japoneses é uma representação do amor à pátria. Ao longo da história, com uma fronteira longa que se faz com vários países estrangeiros, é inevitável ocorrerem guerras e conflitos. Em cada período histórico, a China teve inimigos diferentes. Nenhum país quer ser atacado e ocupado pelos outros, e a China também não. Este espírito corre no sangue dos chineses desde o tempo antigo. No último século, o ódio principal é contra os japoneses, especialmente para os que experimentaram realmente esta guerra.

4.3 Superstição

A superstição é um fenómeno bastante comum na China, particularmente nas

velhaco e perigoso.” (Gelber, 2008, p. 334)

¹ “O número exacto das vítimas mantém-se, até hoje, incerto. Algumas contas parecem exageradas. O representante da China na Liga das Nações, à época, indicou que tinha havido 20 mil mortos civis. Um jornal chinês comunista indicou o número de 42 mil. Uma testemunha norte-americana, Miner Searle Bates, estimou em 12 mil civis e em 28 mil militares o número total de mortos, enquanto que outra testemunha elevou o número total para 50 ou 60 mil. Na China dos nossos dias, o número oficial ultrapassa os 300 mil. Seja qual for o número certo, o que aconteceu em Nanjing permanece, ainda hoje, como uma das mais fortes causas de ressentimento dos chineses contra o Japão.” (Gelber, 2008, p. 334)

opiniões das gerações antigas. Naquele período, quase todas as pessoas acreditam na existência dos deuses que têm a capacidade de trazer felicidade e expulsar as coisas más. O mais interessante é que uma pessoa supersticiosa, quando enfrenta uma dificuldade, só vai pedir, não se preocupando com as diferenças das religiões e da fé.

“O corpo da centenária nunca o rio o desenvolveu, nem o seu nome tão-pouco constou das vítimas do tufão. Mas o neto, que a vira transfigurar-se, acreditava secretamente que Fong-Song – o ente fantástico que, das entranhas da Terra, governava os elementos – a levara, calma e contente, na exaltação da noite, para o reino dos justos, talvez (quem sabe?) bem recomendada ao Eterno pelas cerimónias do bonzo e pelas rezas da feira.” (Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 42)

No conto, o neto acreditava que “o ente fantástico” do fundo da terra tinha levado a alma da avó de noite para um outro reino. Para ajudar a avó a chegar a um reino feliz, ele gostava de convidar bonzos e freiras para as cerimónias. O Bonzo é um elemento do templo budista, e, por sua vez, a freira faz parte do convento católico. Na religião budista, também há membros femininos. Com o objetivo de evitar os enganos da tradição cultural, é conveniente voltar aos parágrafos anteriores deste conto.

“De manhã, fora o bonzo encomendar a Buda o seu espírito agonizante. Ardiam à proa os pivetes da devoção. De tarde aparecera a ku-niu, a freira católica.” (Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 39)

Quer Buda, quer a freira católica, ambos chegaram a fim de dar bons desejos para a alma do morto. E até uma pessoa que não tinha religião recorreu às bênçãos e ajudas do Budismo e do Catolicismo. A realidade é que as pessoas não conhecem a religião, mas quando precisam, aproveitam as capacidades dos deuses das religiões, independentemente da fé.

É facto que muitos chineses não têm religião, mas têm superstição. A maior razão é o desenvolvimento das religiões do Budismo e Taoísmo. O Budismo tem origem na Índia, e os credos entraram na China com os budas. Pela influência das palavras dos budas, as pessoas acreditam que os budas sabem tudo, e têm a capacidade de resolver todas as

dificuldades.

Em termos de Taoísmo, no início não há deuses religiosos, mas, mais tarde, a religião introduz deuses em comparação com os deuses budistas. Por outro lado, o Taoísmo absorveu as vias de adivinhar. Estas formas não são criadas pelo Taoísmo, mas pelo Wenwang, um grande reino na dinastia Zhou, antes do aparecimento de Confúcio e do Taoísmo. No caso de as pessoas quiserem prever o futuro ou mudar o destino, elas podem ir ter com os monges taoistas. Além disso, os taoistas esforçam-se por produzir medicamentos divinos, com minerais, pedras e ervas, com o objetivo de procurar o caminho da imortalidade. Dessa forma, atraem muitos seguidores. Muitas pessoas conhecem os nomes e poderes dos deuses, mas nem sequer sabem identificar se são budistas ou taoistas.

Por isso, quando o Catolicismo entra na China, os chineses não o recusam, porque Jesus também tem a capacidade de ajudar a vencer as dificuldades. Como nos contos, os bonzos e as freiras chegaram à mesma cerimónia feral. E o homem de San-Lun-Che que frequentava templos a rezar aos budas ficava contente e orgulhoso pelo seu filho católico.

Por isso, o Catolicismo não pode substituir o Budismo em Macau, porque os chineses não têm fé na religião, o que eles procuram na religião são os deuses, não os espíritos.

4.4 O homem nasce bom e a sociedade o corrompe

“De tarde, amável, oferecia chá a um ou outro apreciador de trastes velhos. Mandava sentar numa concha de cadeirinha, no estofo puído de um riquexó de mandarim. Citava Confúcio: «O homem é por natureza virtuoso como a água que corre espontaneamente. É a perversidade do mundo que o corrompe». Ficava por um instante calado (comovido).”
(Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 33)

Como escreveu a autora, uma opinião muito importante de Confúcio é que o homem é por natureza virtuoso. É a perversidade do mundo que o corrompe. Esta opinião foi proposta

por Mêncio¹, um grande filósofo confuciano, no seu livro “Mengzi Gaozi Shang”. Ele pensa que todas as pessoas são boas por natureza, e é a sociedade que as corrompe.

“Sobre a natureza humana, Confúcio não discutiu muito com os seus alunos. Nesse sentido, ele só disse uma frase de oito caracteres em chinês, ‘Por natureza, os homens são semelhantes, mas o que aprendem na vida distingue-os bastante.’² Isto significa que, ao nascer, todos têm uma natureza igual, mas como as experiências e as aprendizagens variam entre as pessoas, também se criam pessoas diferentes. Ele também disse, ‘O Céu cria virtude em mim.’³” (Xu X. , 2010, 09, p. 51). Eis a origem do pensamento da natureza boa na religião confuciana. E depois de Confúcio, este pensamento foi desenvolvido pelos outros representantes confucianos, como Mêncio, Xunzi, entre outros.

A teoria da natureza boa é verdadeiramente um pensamento muito importante em Confúcio, que lidera os conhecimentos dos chineses sobre a humanidade e a natureza em si própria durante milhares anos. E, por isso, as pessoas acreditam que uma pessoa má tem capacidade de se tornar boa, voltando ao início da natureza do ser humano.

“Que teria levado aquele homem ao vício do ópio? Alguma paixão frustrada, mulher ardente que o tivesse trocado por outro? Talvez um filho único, amimado (fruto desse amor?), que o desiludisse, o roubasse, o consumisse, quem sabe se fugido em Hong Kong, metido em assaltos à mão armada, conhecendo os tratos da enxovia... «...por natureza virtuoso... o equilíbrio do cosmo...» Mas... seria necessário inventar uma causa romanesca? Não bastaria a frágil condição humana, o desgosto de viver? «É a perversidade do mundo que o corrompe».” (Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 35)

Neste parágrafo, a autora propôs algumas pressuposições sobre os motivos do vício do ópio do antiquário. Talvez por causa da perda da mulher, talvez pelo filho se ter juntado a um grupo criminoso para fazer maldades. De acordo com a citação de Confúcio, todos são bons, de virtude, por natureza, mas o ambiente de sobrevivência é suficiente para mudar uma pessoa. Como o exemplo do antiquário, as suas experiências de vida não

¹孟子

²《论语·阳货第十七》“性相近也，习相远也。”

³《论语·述而第七》“天生德于予”

corriam bem, e, por isso, ele começou a entregar-se ao ópio, com o objetivo de buscar a liberdade da alma. E o filho também foi influenciado pela perda da mãe, e também pela mudança do pai, o antiquário.

4.5 Culto da família chinesa

O culto da família é uma das características da cultura chinesa. Uma família pode ser pequenina de três ou dois, até só um membro familiar, e também pode ser uma família grande, incluindo os parentes com relações de sangue, direta ou indiretamente. O conceito de família pode estender-se a uma empresa, ou outros estabelecimentos, onde os componentes convivem como familiares, e o conceito até pode significar um país. Uma família é o país mais pequeno, e um país são milhares de famílias. Fundamentalmente, as regras que se usam numa família são iguais às do país.

4.5.1 Reunião familiar

Para os chineses, o regresso a casa, particularmente nos festivais, é o mais importante. Não só por causa das saudades, mas porque se trata de um costume com milhares de anos.

“A sua terra era do outro lado do mundo. Havia neve. A família devia lembrá-la mais naquela noite. E talvez lhe escrevessem, lhe enviassem presentes. As comidas que lá se comiam, o tilintar dos copos, conversas cortadas, risos, exclamações. A família! Não podia tornar a vê-la.....” (Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 46)

Como no conto *O Filho do Sol*, antes do ano novo chinês, a personagem feminina pensava muito na família, nos familiares, na neve, na imaginação das conversas e situações lá em casa. Mas ela não podia regressar para ver, o que era muito triste.

Uma reunião familiar nos festivais é essencial para um chinês. Primeiro, é claro que por causa das saudades. Quer os estudantes, quer os trabalhadores, depois de saírem de

casa por longo tempo, sempre têm a tendência de regressar para relaxar e para acompanhar os pais. Por outro lado, o costume de regresso nos festivais corresponde a uma tradição antiga. Quase todos os festivais têm as suas histórias e tradições diferentes, mas a tradição comum é comemorar os antepassados, quer sejam os deuses, quer sejam os familiares antigos.

Por exemplo, na minha terra natal, na cidade antiga de Xi'an, no Festival de Ano Novo Chinês, comemoramos todos os deuses e também os antepassados, com sacrifícios, acendendo os paus de essências, velas vermelhas, papeis amarelos especiais, batendo as cabeças no chão. Quanto ao Festival do Barco do Dragão, não temos rituais como acender paus e velas etc., só comemos várias comidas de arroz doce para celebrar um poeta cívico. Para o Festival de Qing-Ming, é habitual limpar os túmulos dos antepassados e dos heróis. No Festival de Autuno Meio, é habitual oferecer frutas e bolo de lua em cima de uma mesa ao ar livre no pátio, oferecendo à Lua, com o objetivo de recordar uma história lendária de amor triste, e, ao mesmo tempo, rezar para pedir a bênção da Deusa da Lua.

Embora os objetivos de recordar sejam diferentes nos diversos festivais, a mesma intenção é comemorar as pessoas do passado, quer sejam verdadeiras, quer sejam virtuais. Sob a influência do culto da família, as pessoas valorizam os antigos, a raiz.

Uma família, tal como uma árvore, tem na raiz a parte mais importante, a que oferece energia vital a todos os ramos e folhas. Dos avós aos netos, sucede-se a teoria de “não se esquecer da raiz”. Quando se bebe água, deve-se pensar na fonte, donde vem a água, ou quem construiu o poço. É a raiz que mantém o desenvolvimento de cada família. É invisível, escondida debaixo da terra, percorrendo os canais de todo o corpo, mas influencia silenciosamente os nossos pensamentos, controlando os nossos comportamentos durante milhares de anos.

4.5.2 Folhas caíam na raiz

Na China, dizem que a frase “folhas caíam na raiz”¹ significa que, quando caem, todas as folhas voltam para a raiz da árvore, alimentando-a. Como as folhas, os viajantes fora de casa preferem sempre voltar para a terra natal. Eles adoram a terra natal onde nasceram e cresceram.

“Dez anos atrás: a avó, cambaleante, levava-a pela mão. O governo estrangeiro dava dormida e arroz. Mas tinham saudades da comida do Norte.” (Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 12)

A avó e a neta chegaram a Macau por causa da decadência da família. Em Macau, elas podem viver melhor, mas ainda tinham saudades da terra natal.

“..... Receosa de que esquecesse a língua-mãe, dava-lhe lições à noite, à luz de azeite de coco, pelo livro dos filósofos.” (Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 12)

Isto acontece porque em Macau falam cantonês, cuja escrita é igual ao mandarim, mas com pronúncia diferente, e a neta não tinha oportunidade de aprender mandarim em Macau. Nesse sentido, a avó ensinava-lhe mandarim, a língua materna, à noite. A língua é uma parte da construção da identidade nacional. A avó ensinava mandarim, para que a neta não se esquecesse da língua materna, e da terra natal. A avó identificava-se como uma pessoa do Norte, em vez de Macau. É no Norte da China a sua terra natal, e a terra natal da neta. Ela pensava que a neta tinha de saber mandarim.

Os chineses têm grande emoção com a terra natal. Essa emoção deve-se a fatores históricos e culturais. Em primeiro lugar, isso pode ser remontado à civilização agrícola. Por causa das características da civilização agrícola, as pessoas têm de ficar num sítio estável para trabalhar e cultivar a terra. Nesse caso, muitas pessoas preferem uma vida mais estável na sua terra natal.

Em segundo lugar, por causa dos ensinamentos de Confúcio, “Quando os pais existem,

¹ Folhas caíam na raiz, em versão chinesa é 落叶归根。

não viaje para longe. Caso saia, tem de preparar tudo.”¹ Uma pessoa deve ficar em casa a acompanhar e cuidar dos seus pais de idade, para cumprir os deveres e obrigações de um filho. Quando se trabalha, deve-se escolher um local perto de casa, ou depois de terminar a carreira profissional, optar por voltar para a terra natal.

Em terceiro lugar, muitas pessoas saíram de casa compulsivamente. Como a avó, que se despediu do Norte da China porque os soldados tinham chegado e destruído a sua família feliz. A fim de sobreviver, ela tinha de levar a neta, fugindo para Macau. No interior dela, na verdade, ela não admitiu a cultura estrangeira, nem se integrou na terra exótica. Ela sempre tinha saudades da terra natal, e queria regressar a casa.

4.5.3 Enterramento

No conto *A morta*, durante a viagem da migração da família do continente da China para Macau, por causa de um tufão, a avó, que liderava a fuga da família, morreu. Em vez de enterrar o corpo da avó naquele mesmo sítio, a família levou a morta até Macau para a enterrar aí.

Quando a família descobriu a avó morta, de acordo com uma afirmação da autora, através da fala da figura feminina “– *O principal era podermos trazê-lo connosco. Chorávamos todos. Chorávamos e rezávamos para que o tufão abrandasse e conseguíssemos atravessar o rio sem danificar o nosso tesouro. Dir-se-ia mais importante salvar a avó morta do que as nossas próprias vidas.*” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 76)

E depois de atingir a outra margem do rio, salienta-se, mais uma vez, que “*A morta não podia cair em mãos desconhecidas nem ser enterradas senão pela família: tanto um preceito sagrado como uma dívida. Graças a ela, ao seu exemplo, é que tinham escapado...*” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 76)

Eles enterraram a avó na mata. E, por fim, depois de sete anos, “*elas tinham ido a*

¹ 《论语·里仁》 “父母在，不远游，游必有方。”

*Coloane*¹ *recolher-lhe os ossos, ossos que guardavam numa caixa de charão junto do altar da família – o nome da avó já na lista a vermelho e oiro dos antepassados.*” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 77)

Os familiares tinham sempre de trazer o corpo da avó durante a migração. Mesmo depois de a enterrar, depois de sete anos, recolheram os ossos e transferiram a avó para um sítio melhor.

Em primeiro lugar, o costume de valorizar o enterramento é uma forma de respeito pela terra. A civilização chinesa vem da civilização agrícola, nesse sentido, as pessoas têm uma grande relação com a terra que lhe tem fornecido alimento. Quando morrem, colocar o morto na terra é o maior respeito pelo morto, e é também um agradecimento à terra.

Em segundo lugar, o enterramento serve para proteger o corpo do morto. De acordo com Confúcio, “Peles e pelos do corpo são dados pelos pais, que não devemos prejudicar.” Então, a melhor forma de preservar um corpo morto é colocá-lo num caixão para o esconder debaixo da terra, sendo assim possível evitar a chuva, o fogo, os bichos e outros danos.

Em terceiro lugar, com o objetivo de matar saudades dos mortos, os chineses acreditam na existência das almas. Embora já tenham desaparecido, os mortos ainda nos podem acompanhar em forma de alma.

Em quarto lugar, surge a piedade de Confúcio. Além de ser preciso tratar bem os pais quando eles estão vivos, também é necessário um funeral depois de morrerem. Um funeral é um respeito, uma obrigação dos filhos, um agradecimento pela alimentação e pela educação aos pais, e a última comunicação com o morto neste mundo antes de ele sair de casa e de chegar ao inferno.

A cultura do enterramento é uma das partes mais importantes da cultura chinesa. Os chineses respeitam este ritual, e sempre fazem o melhor possível para tratar os familiares e amigos, como uma continuação da consanguinidade e da amizade.

¹ Uma ilha em Macau, onde enterrou a avó antes.

4.5.4 Mais filhos, mais felicidade

Numa família chinesa, o filho é bastante importante, pois se relaciona com o destino da família e da mulher. Para uma família, um filho é uma continuação. E para uma mulher, um filho decide o seu lugar na família.

No conto *A Morta*, “*A avó fora uma mulher notável que, apesar de pobre, criara dez filhos para a riqueza. Pequena, magra, activa, inteligente, mandara seis rapazes para a América, para a terra do doiro, à custa das leiras de arroz por ela duramente trabalhadas de sol a sol.*” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 74)

Já estava muito pobre, não sabia se tinha poder para alimentar mais filhos, eles continuaram a querer mais, até ao décimo filho, quando o avô faleceu. Com os pensamentos tradicionais antigos, as pessoas sempre queriam mais filhos para ajudar a recuperar as condições pobres da família.

No conto *Natal Chinês*, a senhora Tung, “*além de ser mãe da subdirectora, tinha fama de rica e distribuía moedas de prata a todo o pessoal na noite da festa*” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 81).

Apesar das filhas, “*Ela continuava a venerar a Deusa da Fecundidade. Tratava-se de uma pequena divindade, toda nua e toda de ouro. Fora ela quem lhe dera filhos. Estéril durante sete anos, a senhora Tung recorrera à sua intercessão divina quando o marido já se separava para receber nova esposa. Não podia portanto deixar de amar. Toda a felicidade lhe provinha daí, dessa afortunada hora em que a deusa a escutara.*” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 83)

Para a senhora Tung, um filho é muito importante para manter uma relação conjugal. Ela amava muito o marido, mas só porque não tinha filhos, embora duas filhas sejam referidas no conto, o marido separou-se dela, para viver com uma esposa nova. Isto é um comportamento de desrespeito, de injúria e de discriminação da mulher.

De acordo com os conhecimentos da biologia, o sexo do bebé depende do cromossoma sexual do homem. Como todos sabem, os cromossomas sexuais do homem são XY, e os da mulher XX. Quando se gera um bebé, o pai oferece um cromossomo de X

ou Y, e a mãe só pode oferecer um cromossomo de X. Finalmente, ao chegar a XY, é menino, e quando a XX, é menina. Não é a mãe que decide o sexo do bebé, mas por causa do desconhecimento das teorias biológicas naquele período, as pessoas, incluindo os maridos, os sogros e sogras, amigos e parentes, e até as esposas diziam que a mulher é inútil no caso de não dar à luz meninos. Na verdade, trata-se de uma questão de probabilidade, em termos do sexo do bebé, nem a esposa, nem o marido podem decidir, mas é demasiado injusto só culpar a mulher. No entanto, pelo fator da demora do desenvolvimento da biologia moderna, especialmente na China antiga, com as portas do país fechadas, é natural que as pessoas tenham este pensamento errado durante milhares de anos. Para se ser considerada uma esposa qualificada e uma mulher saudável, é necessário ter um filho.

Além disso, um filho é essencial para manter a relação com o marido. Como no conto, porque a mulher não tinha filhos, o marido trocou-a por uma nova esposa. A palavra “esposa” é diferente de “concubina” e “amante”. A esposa é a mulher que é mais respeitada e com mais direito de dominar os assuntos domésticos entre as mulheres do marido. A concubina só pode ser “vice-esposa”, o que também é legal, e é aceite pelos familiares do marido e pela sociedade, mas com menos poder, inferior à esposa. Amante é ilegal e não é aceite pela população. O marido recebeu uma “nova esposa”, o que significa que a senhora Tung, a esposa anterior, já passou a concubina, no caso de não se divorciar. É uma coisa muito má para uma mulher. E, nesse sentido, é possível perceber a importância de filho para uma mulher.

No conto *O Homem do Sam-Lun-Ché*, “Decerto que a mãe estava mesmo desesperada para assim abandonar um filho varão. As criadas bisbilhotavam: «Mãe desnaturada! Filho macho, a maior felicidade de qualquer mulher! Bailarina, com certeza, rapariga de vida fácil, alma sem sentimentos, sem dignidade».” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 59)

Antigamente, por causa da baixa taxa de sobrevivência dos bebés, para continuar a família, a forma mais segura era criar mais filhos. Por outro lado, ter mais filhos era uma necessidade económica. Na época antiga, a tecnologia e a técnica ainda não estavam

desenvolvidas de modo a libertar as mãos do ser humano. Por isso quase todos os trabalhos, grandes e pequenos, dependiam da mão-de-obra. Para uma família tradicional, mais pessoas, especialmente mais homens, significava garantir mais produção. Mais pessoas poderiam trazer maior riqueza para uma família. E era claro que mais pessoas podiam garantir uma vida mais abundante.

Aliás, o país precisa de mais pessoas para defender e ativar a economia. Além de ser demanda da família, mais pessoas também são necessidade de um país. Um país precisa de soldados para a defesa, especialmente quando ocorrem guerras, e até para expandir o território. O imperador precisava de mais pessoas a trabalhar no campo, nas fábricas, no governo, e a fazer negócios. Naquele tempo, só com uma grande população, um país podia ficar mais forte.

4.5.5 Pais chineses: servem os filhos durante toda a vida

Por causa das culturas tradicionais e dos pensamentos antigos, na China, os pais comportam-se duma forma diferente dos de outros países. Eles sempre contribuem muito para os filhos até à morte, ao mesmo tempo, eles não querem causar problemas às crianças.

No conto *Fong-Song*, lê-se: “*A morta vinha buscá-la, finalmente. Tão cansada de viver, parecia quase feliz, agora que o fim se aproximava.*” Ela é uma mulher que trabalhou até ao fim da sua vida, morrendo no fân-suin, o barco chinês onde vivia depois de ter fugido da terra natal.

No conto *A Morta*, depois de o marido falecer, a avó suportou toda a família, com dez filhos para alimentar. “*Do arroz de cada colheita todos os anos apartava uns tantos cates – ração que por vezes tirava à boca –, vendia-os, e o produto da venda, arrecadado no fundo da arca, destinava-se à viagem dos filhos. Durante vinte anos não teve mais de duas cabaias de pano grosseiro. Os sapatos que a família levava ao pagode nos dias de festa eram feitos por ela com palha de arroz e pele de porco.*” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 74)

A mulher mandou os seus seis filhos para a América com o objetivo de buscarem

mais riqueza. E ela trabalhava para ganhar dinheiro para a viagem dos filhos. Durante vinte anos, ela até não usou mais de duas cabaias.

Os pais chineses servem os filhos por várias razões. Faz parte da natureza do ser humano e dos animais acarinhar e cuidar dos filhos. Eles oferecem o melhor aos filhos, de modo a haver uma troca de cuidados quando estiverem velhos. De geração em geração, os conceitos e pensamentos tradicionais de Confúcio têm influenciado os chineses. Os pais alimentam e educam os filhos e, correspondentemente, os filhos devem sustentar os velhos. Para que os filhos não os abandonem na velhice, os pais têm de tratá-los o melhor possível. Os pais veem nos filhos uma continuação da família e das suas próprias vidas.

4.5.6 Piedade filial

Na cultura chinesa, a piedade filial é uma das virtudes mais essenciais de uma pessoa. De acordo com um dicionário português¹, a palavra “piedade”, do latim “pietas”, significa cumprimento dos deveres para com os pais, a pátria, os deuses. E “piedade filial” significa amor aos pais. Em chinês, piedade escreve-se como “孝”, com “老” (velho) em cima, e com “子”(filho) em baixo, que significa a alimentação e a ordenação dos pais e dos mais velhos.

No conto *Ódio da Raça*, a filha, Tai-Ku, é um exemplo típico da filha piedosa. Ela suportou a responsabilidade filial, ao mesmo tempo, ela vivia com o estilo de que o pai gostava.

Ela não se casa, para poder cuidar do pai. *“Uma a uma, as irmãs haviam partido, de brocado escarlate e oiro, diadema nupcial, para casa dos maridos. Tai-Ku ficara. Ficara para temperar cada manhã o banho do grande senhor, para lhe deitar a poção no chá, para lhe desculpar a luxúria.”* (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 23)

Todas as irmãs já se tinham casado, mas Tai-Ku, a filha mais velha, escolheu ficar para servir o seu pai. O grande senhor não tem filhos, só filhas. Geralmente, é o primeiro

¹ <https://dicionario.priberam.org/piedade> (Dicionário Priberam)

filho que deve cuidar dos pais, o qual herda os bens da família. As filhas, depois do casamento, não têm relação com a família de nascimento.

Nesta família sem filhos, Tai-Ku, como primeira filha da família, tem a responsabilidade e obrigação de cuidar e acompanhar os pais. Se ela se casasse, ninguém ficaria lá para cuidar dos pais. Ela não queria que o pai vivesse sozinho, sem companhia. É por causa disso que Tai-Ku não se casou.

Uma outra razão por que ela não se casou é cumprir a vontade do pai, e ser uma monja. *“Tai-Ku era monja budista. Se não rapara a cabeça nem trocara a cabaia de seda pela de burel, é que o pai lho não consentira. Vivía da oração, do jejum, das ofertas para o altar.”* (Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 23) Seguir o requisito do pai é uma parte essencial da piedade filial. E Tai-Ku é uma destas pessoas.

O pai tinha o hábito de ter uma nova mulher em cada novo mês. *“Tai-Ku tinha aquilo por uma doença.” “Primogénita, cumpria o dever filial sem indagar quem era a nova mulher, sem lhe querer mal, sem lhe interessar conhecê-la.”* (Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 23) Apesar de não gostar disso, ela não disse um “não”, mas aceitava tudo, e cumpria o que uma filha devia fazer. Ela não tinha direito a meter-se nos assuntos dos pais. Ela só pode aceitar, e uma filha deve ser assim.

Tai-Ku quer vingar-se contra a mulher japonesa por causa da morte da mãe dela, no entanto, quando o ódio surgiu, ela estava a pensar no sentimento do seu pai.

“Mas já o velho senhor a chamava, aflito. Tai-Ku sobressaltou-se. O pai. Iria o pai sofrer muito com a vingança? Seria que ele amava de verdade a japonesa? Um dos principais ditames da doutrina budista era a piedade filial. O pai! E acorreu pressurosa.” (Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 26)

Eis a piedade filial. Ela não só pensa no que ela própria quer, mas também considera os pensamentos do pai. No caso de a sua ação fazer mal ao pai, ela sofreria.

Por outro lado, Tai-Ku quer matar a japonesa, o que também é piedade filial. Como vimos acima, os japoneses provocaram a morte da mãe, desde então, Tai-Ku odiou todos os japoneses. Tudo isto tem origem no amor e na memória da sua mãe. Ela queria vingar a

mãe, mas não era possível encontrar os militares para os matar. Quando chegou a mulher japonesa à sua casa, ela não podia suportar a posição desta tal mulher em sua casa, e, por isso, ela libertou a vingança de anos contra a japonesa. Este comportamento traiu a sua religião (regra de não matar) e ao mesmo tempo o seu pai (que ama a concubina). Mas ela completou a piedade filial para com a mãe morta.

Piedade filial na cultura chinesa pode incluir todos os amores, deveres, obrigações que os filhos devem fazer para agradecer e recompensar as graças de alimentação e educação dadas pelos pais. Os filhos devem obedecer aos pais completamente.

Num livro, *Regras para Os Filhos e Irmãos Mais Novos*¹, constam estas frases em relação à piedade: “Quando os pais nos educam, devemos ouvir com atenção. Quando os pais nos ralham e punem, devemos suportar com obediência”²; “Quando os familiares têm enganos, deve-se aconselhar para eles os corrigirem, com risos e voz suave.”³ As regras ensinam as pessoas a cumprir as ordens dos pais e a seguir as suas vontades. Embora os pais possam estar errados, não devemos lutar contra eles, mas aconselhar com uma boa atitude para que eles aceitem melhor.

Todos os atos que os filhos fazem para a alegria e satisfação dos pais e dos velhos podem ser explicados com a piedade filial.

Além dos deveres quando os velhos estão vivos, há também as obrigações após o enterramento. No conto *A Morta*, a avó faleceu durante a migração, mas as pessoas traziam o corpo, continuando a andar até Macau. E “*sete anos decorridos sobre a morte da avó, elas tinham ido a Coloane recolher-lhe os ossos, ossos que guardavam numa caixa de charão junto do altar da família – o nome da avó já na lista a vermelho e oiro dos antepassados.*” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 77)

Na cerimónia fúnebre chinesa, os filhos põem um pano comprido branco na cabeça, e o nome deste pano é “piedade”. Os filhos devem enterrar os pais, para que as almas dos antepassados descansem melhor no inferno.

¹ 《弟子规》

² “父母教，须敬听。父母责，须顺承。” (弟子规字解, 2016-2017)

³ “亲有过，谏使更。怡吾色，柔吾声。” (弟子规字解, 2016-2017)

5 Vida social

A obra *A China Fica ao lado* apresenta as vidas tristes das personagens naquela sociedade. A China Nova já se estabelecera em Pequim, mas em Macau ainda havia o controlo dos estrangeiros, dos portugueses.

5.1 As mulheres

Nos contos, a autora cria várias figuras, através das histórias, apresentando as situações naquela sociedade. As figuras femininas, em comparação com os homens, viviam na classe mais baixa da sociedade, sem identidade, sem respeito, sendo as mais pobres.

Geralmente, as mulheres, nos contos, podem ser divididas em dois grupos: as novas e as velhas. As novas representam os pensamentos novos, porque elas já viviam numa era nova na história da China, após a fundação da República Popular da China, a China Nova. Em termos das velhas, a maior parte são as avós, que viram a queda do governo antigo da dinastia Qing, e sofreram a migração da família do continente para Macau.

Primeiro, há uma figura perfeita, uma santa ao estilo chinês, Tai-Ku, no conto *Ódio da Raça*. Tai-Ku obedecia ao pai completamente. Cada dia, dava banho e chá ao pai, suportava as concubinas. Antes de matar a mulher japonesa, ela ainda estava a pensar no pai. Finalmente, para vingar a mãe, Tai-Ku matou a japonesa secretamente. A primogénita do pai, “*a filha que nunca lhe estorvara os hábitos, que nunca lhe criticara os desmandos. Tai-Ku, a inocente*” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 26), é uma filha piedosa, uma santa.

Segundo, uma avó forte, em *A Morta*. Depois da morte do marido, ela alimentou dez filhos com trabalhos dia após dia no campo. Os seis filhos foram enviados para a terra de ouro, a norte-americana, e as filhas casaram-se com rapazes locais. Para cumprir a piedade, o primeiro filho voltou para acompanhar e cuidar da velhota, mas, infelizmente, ele morreu na revolução. Perante a pressão do governo, a avó persuadiu o povo ao serviço do

enterramento dos mortos desconhecidos¹ e depois liderou a gente a migrar.

A avó é uma mulher inteligente, calma, corajosa e forte. Por um lado, ela trabalhava para acumular bens para os filhos, fazia o papel de uma mãe e ao mesmo tempo de um pai. Por outro lado, perante a ameaça dos soldados armados e as tradições antigas, ela escolheu viver, e fez um discurso, calmamente “com as veras da alma e mais ainda a sua humilde e patética figura” para impressionar o povo. “*A avó pedia às mulheres que mostrassem a força da sua dor.*” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 75). Não se limitou às regras quadradas, e sabe apelar às pessoas para um destino vivo. É uma grande sábia.

Terceiro, a figura principal feminina no conto *A China Fica ao lado*, seguindo a avó, deixando a terra natal e vivendo em Macau. Vivia uma vida magoada. É diferente dos que vendiam as netas, pois a avó “*queria-lhe muito. Acompanhava-a para toda a parte. Ia busca-la à escola. Receosa de que esquecesse a língua-mãe, dava-lhe lições à noite, à luz de azeite de coco, pelo livro dos filósofos.*” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 12). Ela aceitava os pensamentos tradicionais da avó desde pequena, mas também foi influenciada pelos conceitos novos durante o seu crescimento. E, por isso, ela pensava muito depois de tirar o filho do ventre. Ela reconhecia que os panos que embalaram os pés da avó também lhe limitaram a liberdade. Ao final, ela sonhava “*caminhar por uma estrada sem bermas, os braços alongados até ao infinito, levando consigo, triunfal, sem esforço, como se fossem penas de ave, toda a legião ancestral das ofendidas, de pés atados deslizando à flor da terra.*” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 13). Ela é uma representante da mulher da era nova, que resistiu à tradição negativa, mas ao mesmo tempo era uma vítima dos pensamentos velhos.

Em comparação, nas memórias dela, apareceu uma velha, de pés atados, que representou a China Antiga “*Com o desligar dos pés da anciã, instintivamente ela sentira não apenas o ruir do seu belo mundo de menina, mas o aviltamento de toda uma tradição.*”

¹ “*Com a guerra veio a epidemia. O Governo obrigou as mulheres ao serviço dos enterramentos. O povo sublevou-se. Tocar em cadáveres de gente alheia ia cruelmente além das suas forças. Recolher os ossos dos seus antepassados, sim, era o mesmo que guardar as cinzas sagradas do templo. Mas mexer em defuntos desconhecidos, abrir-lhes a cova, sepultá-los sem caixão, sem flores, sem bonzos, rocava pelo sacrilégio, podia até atirar a ira do Omnipotente.*” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, pp. 74-75)

(Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 11) E, ao mesmo tempo, os segredos da China Antiga foram descobertos, e o território chinês foi ocupado pelos estrangeiros. Os pés atados são mesmo a China antiga, fechada.

Quarto, A-Mou, em *Os Lázarus*. Ela era considerada estranha: “*As demais chamavam-lhe excêntrica: enquanto elas, chinesas de lei, apreciavam companhia, tagarelice, ruído, em especial ao anoitecer, A-Mou gostava com estar só. Que nem parecia chinesa, comentavam*” (Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 54). A-Mou era uma menina que fugiu do continente da China com a sua avó. Ela subiu o morro para ver o pôr-do-sol, que era a esperança da vida, mas, mais importante, para esperar o amor, uma fantasia.

Quinto, uma outra pessoa a esperar é a Doida, “*fugida da China continental com o filho, que morrera já em terra do exílio. O marido, que devia seguir, nunca aparecera.*” (Braga, A China Fica ao Lado, 1991, p. 87). Então, ela ficava na praia a esperar todas as noites, esperando pela alma do filho morto e pelo marido desaparecido. Ela só aparecia à noite, como um espírito. A coração dela já morreu, sem amigos, sem familiares.

Nos contos, apresentam-se várias chinesas. Os seus pensamentos e características são diferentes, mas todas são originárias do continente da China, para fugirem à guerra. Com personagens diversas, é possível observar como as mulheres reagem contra o destino triste. Naquela era de guerra, elas sofriam bastante. Sob os pensamentos tradicionais, elas não tinham liberdade. Algumas já estavam a lutar, mas outras não. As velhas viviam para proporcionar uma vida melhor aos novos. E as novas, depois de sofrerem alguns problemas, já começavam a pensar de acordo com o estilo novo.

5.2 Macau – Terra de Exílio

Nos contos, Macau é uma terra de exílio, e as pessoas que chegaram a esta terra eram chamadas exiliados. Estes exiliados têm uma mesma terra natal, o continente da China.

Nesta terra alheia, desconhecida e estrangeira, a vida não deveria correr bem.

Em *A China Fica ao lado*, “o doutor Yu da importante maternidade da capital operando na casa de banho em terra do exílio! A avó agarrada a antigos preconceitos, constantemente a falar de nomes que já não existiam... Sem saber uma palavra de cantonense, a avó, com a sua linguagem culta, entendendo-se com os deuses só. Os garotos de Macau, ao passarem pelo pagode, alcunhavam-na de dama-pé-de-cabra.” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 12)

A vida do doutor Yu mudou bastante. E a da avó também. De primeira dona da família a um lugar de pagode. Porque não sabia falar o idioma local, cantonês, ela não conseguia conversar com ninguém. Perdendo o marido e a família na guerra, ela vivia pobre e sozinha.

Em *A Doida*, a figura principal perdeu o filho e o marido. A vida dela era desesperada. Ela sempre ficava sozinha porque “os chineses evitavam sequer olhá-la.” (Braga, *A China Fica ao Lado*, 1991, p. 87)

Muitos imigrantes não se adaptaram a Macau, por causa do problema do desconhecimento da língua, sem par, sem companhia e sem apoio. Com a desigualdade da comida e dos costumes, é difícil integrar-se numa terra nova. Uma terra de exílio é uma terra desconhecida, só para sobreviver, onde não há emoção como na terra natal. O coração ficava na outra margem do rio, no continente da China, onde existiu a família, onde houve felicidade. Quanto mais saudades da terra natal, mais difícil é viver em Macau, e é essa a razão da vida triste.

Para estes imigrantes, Macau é uma terra de exílio, e o continente é uma terra de saudades.

6 Conclusão

A obra de Maria Ondina Braga, *A China Fica ao Lado*, conta as histórias do povo macaense, descrevendo as imagens vivas da vida em Macau. Com este livro, é possível ver um convívio de culturas. A cultura chinesa não desapareceu depois da integração da cultura portuguesa, e a cultura portuguesa não foi expulsa pelos nativos chineses. As duas culturas vivem harmoniosamente como exemplificam o Budismo e o Catolicismo. Pelos contos, é provável sentir os pensamentos tradicionais chineses, conservadores e feudais, que moldaram a cabeça dos chineses durante milhares de anos. Especialmente as mulheres sofreram muito com a desigualdade social e as restrições culturais. Felizmente, pela influência da cultura ocidental, as mulheres começaram a acordar, embora o início tenha sido o mais difícil. Os destinos delas são tristes, mas os pensamentos novos são mais essenciais para as mulheres das gerações posteriores. Macau, a terra de exílio, ofereceu um abrigo aos refugiados e reúne várias etnias com culturas diferentes. Mantêm as partes boas de cada cultura e retiram as partes más. Pouco a pouco, formam aqui a sua própria cultura macaense.

A cultura de Macau faz parte da cultura chinesa, mas, nesta terra, há exemplos de várias culturas de cada local. A procura da cultura chinesa no livro *A China Fica ao Lado* é um jogo de escondidas. É interessante descobrir os símbolos da cultura chinesa nesta terra, que é familiar com a cultura tradicional, mas não só; a cultura aqui foi adicionada às novidades, que constroem um mundo completamente novo. Através destes contos, apresenta-se uma sociedade doente, as regras velhas controlaram as mentes das pessoas. Os pais trabalhavam para os filhos; as mulheres eram rejeitadas por causa dos filhos, algumas por terem filhos acidentais, algumas por não terem filhos; e como uma filha santa, a mulher oscilava entre o ódio e a piedade filial; e também as velhotas com pés atados pelos panos que também lhes limitavam a liberdade.

Com os contos, a autora conduz os leitores ao mundo interior das personagens, sentindo as suas dores e interpretando as respetivas razões. Apesar das tragédias, a

diferença de pensamento entre as gerações constitui um elemento de esperança.

Bibliografia

- Balseiro, M. M. (2004). O espaço do conto em Maria Ondina Braga. (*Literatura portuguesa -- Teses de mestrado*). Aveiro, Portugal.
- Bao, Z. (2010). *Zhuangzi* (1 ed.). (T. Mitchell, Trad.) Nanquim, China: Nanjing University Press.
- Braga, M. O. (1991). *A China Fica ao Lado* (4ª ed.). Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Braga, M. O. (1991). *A China Fica ao Lado (Versão Cantonês)* (4ª ed.). (G. Jin, Trad.) Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Dicionário Priberam*. (s.d.). Obtido de Priberam: <http://www.priberam.pt/>
- Gao, H. (2010). *Laozi* (1 ed.). (H. Hua, Ed., & Y. C. Rongpei Wang, Trad.) Nanquim, China: Nanjing University Press.
- Gelber, H. G. (2008). *O Dragão e os Diabos Estrangeiros*. (P. G. Rosado, Trad.) Lisboa, Portugal: Guerra e Paz, Editores S.A.
- Gomes, L. G. (2010). *Páginas da História de Macau*. Macau: Instituto Internacional de Macau.
- Laborinho, A. P. (2010). *Macau na Escrita, Escritas de Macau*. Braga, Portugal: Edições Humus.
- Liu, L. (Outubro de 2017). A Imagem da China na Literatura Portuguesa: Maria Ondina Braga " A China Fica ao Lado ". (*Dissertação Mestrado em Estudo Portugueses*). Lisboa, Portugal: Universidade Nova de Lisboa.
- Oliveira, S. (2011). Análise Pedagógica-Didáctica dos Contos “A China Fica ao Lado” de Maria Ondina Braga. (*Dissertação de mestrado*). Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Silva, R. J. (2001). *A identidade Macaense*. Macau: Instituto Internacional de Macau.
- Xu, S. (20 de 12 de 2018). *Cidianwang*. Obtido de Cidianwang: <http://www.cidianwang.com/shuowenjiezi/>
- Xu, X. (2010, 09). *Mencius* (1 ed.). (C. A. Zhou Xian, Ed., & D. B. Honey, Trans.) Nanquim,

China: Nanjing University Press.

Yan, W. (2006). *中华文明史* (1 ed., Vol. I). Pequim, China: Peking University Press.

Zhang, C. (2006.4). *中华文明史* (1 ed., Vol. II). (W. Y. Xingxu Yuan, Ed.) Pequim, China: Peking University Press.

Zhou, Q. (2010). *Confucius* (1 ed.). (C. A. Zhou Xian, Ed., & D. B. Honey, Trans.) Nanquim, China: Nanjing University Press.

国务院侨务办公室；中国海外交流协会. (2008). *中国文化常识* (5 ed.). Hong Kong, China: 香港中国旅游出版社.

弟子规字解. (2016-2017). Obtido de 弟子规公益网: <https://www.dizigui.cn/zja10.asp>

徐良高. (2017). 近代民族国家史建构中的“中国文明唯一延续论”. *中原文化研究*.